

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



1290003334



FE

TCC/UNICAMP So89d

**VANDA MEIRA DE SOUZA**

**DATAS COMEMORATIVAS: IDEOLOGIA,  
REPRODUÇÃO E RESISTÊNCIAS**

**CAMPINAS  
2007**

2007: 1290003334

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

VANDA MEIRA DE SOUZA

**DATAS COMEMORATIVAS: IDEOLOGIA,  
REPRODUÇÃO E RESISTÊNCIAS**

Monografia apresentada como  
exigência parcial do curso de  
Pedagogia pela Faculdade de  
Educação da Unicamp, sob a  
orientação do prof<sup>o</sup>. Dr. José  
Claudinei Lombardi

Campinas  
2007

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	100
	5890
V:	EX
TOMBO:	3334
PROC.:	145107
C:	D: X
PREÇO:	
DATA:	22, 11, 07
Nº CPO:	2118889

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

So89d Souza, Vanda Meira de.  
Datas comemorativas : reprodução, ideologia e resistências / Vanda Meira de Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientadores : José Claudinei Lombardi.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Capitalismo. 2. Ideologia. 3. Educação. 4. Transformação social. 5. Cronologia histórica. 6. Brasil – História. I. Lombardi, José Claudinei. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-137-BFE

## **EXAMINADORES**

---

**Profº Dr José Claudinei Lombardi**

---

**Profº Dr José Luís Sanfelice**

*Dedico este trabalho aos meus pais que com muita luta e muito trabalho, significaram muito na minha formação. E com o mesmo carinho e respeito, dedico ao meu irmão Silvio, que me ensinou a ter muita coragem pra enfrentar as armadilhas desse mundo.*

## **Agradecimentos**

Agradeço ao meu orientador Prof José Claudinei Lombardi, Zézo, por ter me dado grandes dicas e ter contribuído para a construção desse trabalho.

Não posso me esquecer dos meus grandes amigos e amigas e professoras companheiras de muitas lutas, e que estiveram presentes sempre e que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente neste trabalho.

Agradeço mais uma vez à minha família, pela extrema paciência neste meu longo caminho de estudos, que não se encerra aqui, pois é só o começo!

*“... O certo é que  
nesta jaula há os  
que têm  
e os que não têm  
há os que têm  
tanto que sozinhos  
poderiam  
alimentar a cidade  
e os que não têm  
nem para o almoço  
de hoje  
A estrela mente  
o mar sofisma. De  
fato,  
o homem está  
preso à vida e  
precisa viver  
o homem tem fome  
e precisa comer  
o homem tem  
filhos  
e precisa criá-los  
Há muitas  
armadilhas no  
mundo e é preciso  
quebrá-las.”*

*Ferreira Gullar*

## RESUMO

A idéia central deste trabalho partiu do contexto da realidade capitalista para discutir mensagens ideológicas subjacentes as Datas Comemorativas e que passam despercebidas nos diversos contextos sociais, alimentando práticas de autoritarismo, machismo, idéias elitista e discriminatória na sociedade. Neste trabalho estará presente o desmascaramento da ideologia dominante oculta em práticas da sociedade e em específico, no contexto escolar no que tange o trabalho com essas datas.

Foi possível a realização deste trabalho, graças a autores como Chauí, Althusser, Bourdieu, Saviani, dentre outros que possibilitaram amplitude maior de discussão sobre o tema ideologia e o papel da escola neste âmbito da sociedade capitalista. Nesse contexto, a pesquisa também se construiu em espaços escolares, como participação e observação de reuniões e Atas dessas reuniões de planejamentos de professoras de uma escola de Educação Infantil do município de Hortolândia. Além do uso de observação de algumas práticas com as crianças, foram feitas algumas análises de leis que tratam do assunto e que possibilitaram maior discussão acerca do processo de formação social e reprodução social-ideológico na nossa sociedade.

E a partir da discussão teórica nesta breve pesquisa sobre as práticas com Datas Comemorativas no contexto da escola, fica demonstrado que o contexto da sociedade, assim como o contexto da escola, muito além de serem espaços que ocorrem a reprodução social e ideológico capitalista, são espaços de contradições e portanto, de lutas e resistências contra essa estrutura autoritária, hierárquica, machista e consumista que singelamente e de maneira sutil se mantêm nos diversos contextos sociais.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I	
A SOCIEDADE CAPITALISTA.....	12
CAPÍTULO II	
IDEOLOGIA, IDEOLOGIA DOMINANTE E APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO: <i>A Escola enquanto aparelho mor de reprodução social e espaço de contradições e lutas</i> .....	17
CAPÍTULO III	
AS DATAS COMEMORATIVAS NO BRASIL: <i>o mito fundador e a forte presença das manifestações ideológicas no processo histórico</i> .....	29
CAPÍTULO IV	
ALGUMAS MANIFESTAÇÕES E MENSAGENS IDEOLÓGICAS NAS (PRÁTICAS COM) DATAS COMEMORATIVAS NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	39
CAPÍTULO V	
PELA HISTÓRIA DAS LUTAS E RESISTÊNCIAS: <i>outras experiências para além da reprodução ideológica capitalista</i> .....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
ANEXOS.....	67

## INTRODUÇÃO

Primeiramente, a idéia central desse trabalho surgiu por conta de uma inquietação diante da forma como as chamadas Datas Comemorativas, vem fazendo parte do contexto da sociedade brasileira sem que haja uma discussão crítica sobre o assunto, envolvendo o debate sobre a formação social, ideologia, subjacentes muitas vezes nessas datas.

Tal inquietação surgiu também sobre a realidade escolar, no que tange as práticas educacionais, no campo “*microsociológico*” (NOGUEIRA, 2002), práticas essas com as Datas Comemorativas, e as formas com que essas práticas se materializam no cotidiano da Educação Infantil, no caso específico dessa pesquisa. Temas como Páscoa, Dia das Mães e dos Pais, Dia do Índio, Descobrimento do Brasil, Dia da Independência, Natal, dentre muitos outros, que estão enraizados no currículo escolar sem que haja uma discussão ampla sobre, e muito menos, uma crítica dessas Datas no contexto da escola.

O presente trabalho está pautado numa análise crítica a respeito das Datas Comemorativas, no contexto da sociedade capitalista, e como que nessas datas se manifestam mensagens da ideologia burguesa, de uma sociedade dividida em classes, hierarquizada, elitista, discriminatória, consumista...

Datas Comemorativas que estão presentes no calendário nacional, e que além de serem uma forma de celebrar e cultuar alguns momentos históricos marcantes, de cultuar os mitos, e de serem de certa forma, manifestações religiosas, transmitem mensagens simbólicas de ordem ideológica de uma cultura dominante, que se manifesta sutilmente, nas práticas cotidianas, nas relações e nos diversos âmbitos da sociedade, em que os sujeitos convivem, por exemplo, com as inúmeras propagandas comerciais televisivas de apelo ao consumo no dia das Mães, Pais, ou Natal etc.

Ou mesmo, em práticas pedagógicas no contexto da escola, nos singelos poemas presentes para o Dia das mães, no presente para o Dia dos Pais, no ovo de Páscoa, enfim, na

sutileza das comemorações presentes no calendário, no cotidiano barulhento e silencioso das escolas, revelando ao mesmo tempo, como o capitalismo na sua forma mais selvagem, se perpetua pela reprodução (através da escola) de uma sociedade desigual, de uma sociedade capitalista, hierarquizada, que fragmenta a complexidade, a totalidade, a história e cria mecanismos “singelos” e insanos que a própria escola se utiliza, cumprindo seu papel de grande reprodutora de uma ideologia que discrimina, dissimula, contribui para perpetuação das desigualdades sociais, culturais e econômicas.

No entanto, o movimento da sociedade, assim como o movimento da escola como espaços históricos de contradição, não são palcos de reprodução social apenas. São espaços nos quais os sujeitos históricos criam, pelas lutas, outras possibilidades de se fazer uma outra sociedade longe dos ideais capitalistas.

O presente trabalho, então, está dividido em 5 capítulos dos quais serão desenvolvidas críticas e possíveis análises sobre como ao longo do processo histórico, as Datas comemorativas vem se delineando no contexto social do Brasil e como a escola de alguma forma contribui para a reprodução social da ideologia burguesa e ao mesmo tempo acaba também sendo espaço de luta contra tal prática de conservação da ideologia dominante.

A discussão deste trabalho, utilizando as Datas comemorativas, está sobre a existência do poder ideológico da classe dominante burguesa se manifestando nos diversos âmbitos da sociedade, mas que ao mesmo, essa mesma sociedade é palco de lutas contrárias a esse sistema que nega a complexidade das relações sociais.

O primeiro capítulo trata de descrever em linhas gerais a sociedade capitalista em suas características, seus mecanismos, objetivos que delineará todo o trabalho.

O segundo capítulo discutirá a questão da Ideologia, Ideologia Dominante e Aparelhos Ideológicos do Estado, como elementos cruciais presentes dentro do contexto da sociedade capitalista, como sendo, também mecanismos para reprodução das relações de reprodução

dessa estrutura social. Neste capítulo, entra em debate o papel da escola como instrumento/aparelho ideológico poderoso dentro dessa estrutura e que carrega a função de inculcar a ideologia dominante presentes em muitas práticas pedagógicas, inclusive nas práticas com as Datas Comemorativas – tema a que se propõe discutir esse trabalho. Paralelamente a essa discussão o segundo capítulo, também debate sobre a perspectiva histórico-crítica, na qual a escola é palco de contradições e portanto, espaço de lutas contrárias a ideologia burguesa dominante.

O terceiro capítulo explora historicamente como as Datas Comemorativas aparecem em documentos, leis, e no próprio processo de formação social do Brasil, dentro de uma perspectiva crítica, tendo em vista uma discussão sobre o mito fundador e a formação de uma sociedade autoritária (Chauí, 2006) no país.

O capítulo quarto prossegue fazendo uma descrição através de observação e participação numa realidade de uma escola de Educação Infantil de Hortolândia, na qual procura-se através da pesquisa, demonstrar como a escola através de práticas planejadas ou não, trabalham com as Datas Comemorativas carregadas de mensagens ideológicas, provando o papel da escola como sendo reprodutora de ideais burgueses.

Por fim, o último capítulo debate sobre o movimento social contrário ao processo de reprodução das relações de produção da sociedade capitalista. Discussão que parte da idéia de que a escola assim como o contexto geral da sociedade, são espaços históricos e que portanto, espaços de contradições, de lutas e resistências.

A proposta deste breve trabalho, está exatamente, em tirar da obscuridade e desmascarar algumas formas de manifestações e mensagens ideológicas subjacentes nas Datas Comemorativas, no contexto de uma sociedade capitalista sob a luz do materialismo histórico dialético, de Marx, que contribui para a construção dessa pesquisa a partir de sua análise sobre a sociedade capitalista, o modo de produção da sociedade capitalista, e ideologia.

E com apoio teórico de outros autores que esse trabalho foi construído. Autores, que elaboraram conceitos acerca da Ideologia (Chauí), sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado (Althusser), Reprodução Social (Bourdieu), e Saviani, autor esse, que contribui para visualizar de maneira crítica acerca da ideologia, reprodução e o papel da escola como “*revolucionário*” (Saviani, 2006) na sociedade capitalista.

Enfim, o trabalho além de trazer a luz para as discussões teóricas, alguma práticas pertinentes e reprodutoras dentro da sociedade brasileira e do contexto escolar, em específico, demonstra ao mesmo tempo, outros movimentos contrários, como sendo movimento próprio de nossa história: como a contradição, os conflitos, a resistência, nas relações sociais, no processo histórico construído nas práticas cotidianas.

## CAPÍTULO I

### A SOCIEDADE CAPITALISTA

Ao discutir e analisar as formas de manifestações das Datas Comemorativas no contexto da sociedade brasileira e da escola, é importante ressaltar em qual contexto histórico em que isso será feito.

Para tanto, o contexto da sociedade capitalista, será o referencial para toda elaboração de análise, e discussão em torno das Datas Comemorativas, tendo como ponto principal de análise, as formas como a ideologia dominante, de uma sociedade vista de maneira fragmentada, se mostram fortemente presentes nas suas diversas formas nas Datas como “Dias das Mães”, “Páscoa”, “Dia dos Pais”, dentre outras tantas existentes no calendário nacional.

Nesse sentido, é necessário, trabalhar com as explicações e análise que Marx fez da sociedade capitalista, dentro de todo processo de construção dessa sociedade e visualizando-a em dois níveis: a infraestrutura e superestrutura, importantes para a compreensão e desenvolvimento desse trabalho. E a partir dessa contribuição de Marx, entrar na discussão sobre ideologia e reprodução social.

---

Ao longo do processo histórico, a sociedade capitalista foi se construindo historicamente através da Revolução Burguesa, quando:

Dos servos da Idade Média surgiram os burgueses privilegiados das primeiras cidades (...) O lugar da manufatura foi tomado pela indústria gigantesca moderna, o lugar da classe média industrial, pelos milionários da indústria, líderes de todo o exército industrial, os burgueses modernos. (MARX, K 1998, p.10-11)

Diante dessa nova realidade histórica, e das novas relações de produção, a sociedade se caracteriza como uma outra forma de relação do homem e a natureza, do homem com o homem, na qual também existe a constante luta de classes, agora entre burgueses e

proletariados, que é fruto dessas outras formas de relações que os homens passam a estabelecer no processo de produção. Isso porque a existência de ambas as classes se faz quando um determinado grupo social, a burguesia no caso, se apropria das forças produtivas e torna-se proprietária dos instrumentos de trabalho, enquanto que a classe desprovida/desapropriada dessas forças e dos instrumentos de trabalho passa a ser a classe trabalhadora, ou proletários. Com isso, a propriedade privada é ponto crucial para o estabelecimento das classes sociais antagônicas na sociedade capitalista.

Marcam época (último terço do século XV aos fins do século XVIII), na história da acumulação capitalista, todas as transformações que servem de alavanca à classe capitalista em formação, sobretudo aqueles deslocamentos de grandes massas humanas, súbita e violentamente privadas de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como levas de proletários destituídos de direitos. A expropriação do produtor rural, do camponês, que fica assim privado de suas terras, constitui a base de todo o processo. (MARX, K, 1994, p.831)

Contudo, essa sociedade se constitui em dois níveis, que Marx denomina de infraestrutura e superestrutura. Esses dois elementos expõem de maneira clara a teoria do materialismo histórico de Marx, que estarão presentes neste trabalho para posteriormente tratarmos sobre ideologia. O autor em seus estudos sobre a sociedade capitalista estabelece uma outra forma de ver e entender a sociedade, na qual o ser social do homem determina a sua consciência.

O autor em seus escritos expõe claramente como a sociedade se caracteriza e se organiza. E explica que, a vida material (economia) do homem, irá condicionar o desenvolvimento da vida social, ou seja, a estrutura econômica, denominada como infraestrutura da sociedade é a base da qual será determinada a base jurídica e política, denominada como superestrutura.

Dentro dessa perspectiva, os dois níveis da sociedade capitalista, infraestrutura e superestrutura, se caracterizam basicamente como dimensões da sociedade, sendo a

infraestrutura a base (material) da qual se construirá a estrutura política, ideológica e cultural da sociedade, que Marx denomina de superestrutura.

Ou seja, a infraestrutura é constituída pelas forças produtivas (relação do homem com a natureza, que promove a produção) mais as relações sociais de produção da sociedade (relações dos homens entre si, no processo produtivo), que significam a base material econômica da sociedade.

A superestrutura, então, é formada pelas formas jurídicas e políticas (organizações e instituições sociais), assim como as manifestações ideológicas que podem existir no âmbito religioso, jurídico e político e em outras instâncias sociais. Essa dimensão da sociedade, é condicionada, pela infraestrutura dentro de uma perspectiva de movimento entre ambas as dimensões (superestrutura e infraestrutura)

Neste sentido, em que a sociedade capitalista, é uma sociedade dividida em classes sociais antagônicas, a classe dominante (burguesia) proprietária dos meios de produção e portanto proprietária das formas jurídicas e políticas da sociedade, utiliza-se de formas para se consolidar e se conservar no poder, em detrimento da classe trabalhadora não proprietária dos meios de produção, e portanto, classe dominada pela força e exploração da classe dominante.

Diante dessa constante no contexto histórico da sociedade capitalista, o Estado e a Ideologia são os dois elementos importantes da superestrutura, da qual a classe burguesa dominante vai controlar o poder político e o poder ideológico da sociedade.

A burguesia, afinal, com o estabelecimento da indústria moderna e do mercado mundial, conquistou, para si própria, no Estado representativo moderno, autoridade exclusiva. O poder executivo do Estado moderno não passa de um comitê para gerenciar os assuntos comuns de toda a burguesia. (MARX, K, 1998, p. 12)

Marx demonstra que o Estado como um elemento importante da superestrutura, pode beneficiar e legitimar o poder da classe dominante vigente. E da mesma forma, a Ideologia, como força das idéias, passa a ser também um dos instrumentos dessa classe proprietária

dominante para garantir o domínio econômico. Pois, como diz Marx, as idéias da sociedade em geral, são as idéias da classe dominante, que difunde a sua visão de mundo e seus valores.

Dentro desse processo, um outro fator importante na formação da sociedade capitalista, foi o movimento liberal, o liberalismo (sinais históricos a partir da metade do século XVIII), enquanto um movimento da classe burguesa para justificar suas ações ‘revolucionárias’.

Assim, se o liberalismo surge como reação ao feudalismo, ao medievalismo e ao absolutismo, já encontra antes disso a existência da propriedade privada e das classes sociais, que são elementos fundamentais para o liberalismo. (ORSO, P. In LOMBRADI, C & SANFELICE, J. 2007, p.165)

O pensamento liberal, compreende basicamente, o homem enquanto indivíduo naturalmente livre na sociedade. Livre para produzir, livre para se libertar dos costumes e das autoridades do antigo feudalismo ou do absolutismo, e que portanto, essa liberdade dos homens o permitiria produzir, desenvolver e evoluir a economia sem intervenções. *“Fundase uma sociedade civil destinada a assegurar os direitos naturais, a igualdade, a liberdade e a propriedade. Neste sentido, o Estado surge para preservar a liberdade” (Idem, p.166)*

O processo de formação da sociedade capitalista, esteve fortemente marcado por essa mentalidade liberal sobre o homem, que prossegue e se atrela aos conceitos de natureza e liberdade econômica, ou seja, a liberdade do mercado e sua lógica necessitam ser livres naturalmente como os homens. Enquanto que o Estado será –como afirmou Marx- *“um comitê comum para gerenciar os assuntos comuns de toda burguesia” (Marx, 1998, p.12)*

Claro que a história do liberalismo é muito mais complexa e merece maior aprofundamento do que a breve explanação acima, porém é importante ressaltar claramente, que o movimento do liberalismo foi e continua sendo um instrumento da burguesia para propagar ideologicamente seus interesses, e as formas do capitalismo, base da qual o liberalismo se sustenta.

(...) não resta dúvidas que o que de fato existe é o liberalismo, o qual se constitui numa ideologia (de justificação do capitalismo) que assume características de acordo com o desenvolvimento do capital e submete-se as suas necessidades.(Idem, p.176)

Nesse sentido, como afirma Orso (2007), a ideologia se constitui como um conjunto de falsas representações da realidade que existem justamente para legitimar e consolidar o poder da classe dominante na sociedade capitalista.

Dentro dessa ótica histórico-social é que este trabalho far-se-á importante e se constituirá como uma forma de desmascarar as “armadilhas” da classe dominante para se legitimar no poder, negando outras formas de existência e visão de mundo.

## CAPÍTULO II

### IDEOLOGIA, IDEOLOGIA DOMINANTE E APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO

Após a explicação sobre o contexto da sociedade capitalista, é necessário compreender a ideologia como elemento importante para o processo de construção dessa pesquisa acerca das Datas Comemorativas.

O termo Ideologia pode ser definido em geral, como um *“sistema das idéias, das representações , que domina o espírito de um homem ou de um grupo social.”* (ALTHUSSER, L, 1985, p.81). Neste sentido, as idéias surgem para justificar e sustentar teoricamente a ação, pois a ação necessita de um suporte teórico, que no caso aqui, trata-se da ideologia que irá justificá-la, e para tanto, a ideologia sempre é parcial, e de certa forma fragmentária. Ao mesmo tempo a ideologia pode retratar a objetividade da realidade desde que acompanhe o movimento dialético da história, explicitando as contradições dessa história.

Porém a ideologia tem o poder de assumir o caráter conservador e camuflar a realidade e suas contradições, sendo, então, uma ideologia irreal e que mistifica a realidade. Ideologia essa que será tratada neste trabalho: a ideologia da classe dominante (burguesia) na sociedade capitalista.

Assim como diz Chauí (1979), a Ideologia:

(...) na realidade, apenas generaliza para toda a sociedade os interesses e o ponto de vista particulares de uma classe: aquela que domina as relações sociais. (...) Pode se dizer que uma ideologia é hegemônica quando não precisa mostrar-se, quando não necessita de signos visíveis para se impor, mas flui espontaneamente como verdade igualmente aceita por todos. (CHAUÍ, M. 1979, p.24)

O que se tem, então, ao longo do processo histórico, e da formação da sociedade capitalista, é a preocupação de se manter no poder, os valores e visão de mundo, única e exclusiva da classe dominante, formas e mensagens que se manifestam sigilosamente nos diversos âmbitos sociais como continuísmo e propagação de uma realidade criada/constituída

pela classe dominante, e que para tanto, se apresenta como sentido real exclusivo para ela mesma, e negando as outras formas de vivências sociais e históricas.

A ideologia da classe dominante é utilizada para mascarar esta incoerência entre os princípios expressos e a práxis sócio-econômica, sustentando e justificando a práxis discriminatória. (NOSELLA, M. L, 1981, p.27)

A classe burguesa no processo histórico, propagou expressamente durante a sua Revolução, os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade para todos, num sentido universal desses ideais, porém, de fato, promoveu na sua práxis a antiliberdade, foi antiigualitária e antifraterna, diante das práticas de um capitalismo selvagem, que escravizou a massa trabalhadora em prol da lucratividade sem fim. E para que tal poder, se sustentasse, foi necessário elaborar um *discurso ideológico*, que “criasse” e difundisse uma realidade a seu favor, mitificando a contradição e apresentando apenas uma única forma fragmentada da história, de visão de mundo e valores sociais. Nesse movimento, a ideologia se propaga como idéias universais, de vontade e desejo de todos:

Tal discurso ideológico poderia ser resumido da seguinte forma: os indivíduos, que compõem a comunidade nacional, são apresentados, neste discurso ideológico, como tendo uma “igual e livre” participação na vida social, econômica e política, permanecendo, entretanto, sob a égide das classes dominantes, que são consideradas como encarnando a vontade popular.(idem, p. 28)

Nesse sentido, a ideologia no contexto da sociedade capitalista tem o objetivo de ocultar as contradições reais da sociedade, construindo um discurso relativamente coerente como forma “singela” de moldar suas representações sociais, e propagar, assim, um modelo de valores, um modelo histórico, um modelo social da classe dominante como sendo universal.

Por essa razão, a ideologia deve fabricar teorias a respeito da origem da sociedade e das diferenças sociais de modo a poder negar sua origem verdadeira. Trata-se, pois, da produção de uma gênese imaginária sustentada por determinadas “teorias” da história (...).(CHAUÍ, M. 1979, p.25)

O que a autora Chauí trás para a discussão, ao expressar sobre a ideologia na sociedade, é o fato de que a lógica da dissimulação e de ocultação da realidade pela classe dominante, é criada para ser cristalizada no meio social como verdade, como conhecimentos absolutos que reafirme o seu poder sobre outro grupo social, moldando com todo aparato a seu favor, um mundo discriminatório, que nega brutalmente no silêncio ideológico, a diversidade, a pluralidade, a desigualdade social e econômica, a contradição, e a complexidade das relações sociais.

Ao longo do trabalho, será possível perceber como essas manifestações ideológicas transparecem no cotidiano, nas imagens televisivas, por exemplo, em que a mídia enquanto aparelho da classe dominante burguesa (campo mercadológico/consumismo), contribui para a propagação/reprodução do ideal burguês de consumismo, tendo as Datas Comemorativas, por exemplo, como dia dos Pais e Mães, meios para sensibilizar ideologicamente para a crença de mitos (super mãe e super pai) e assim criar todo o “clima” para reprodução social. Da mesma forma, ou senão de maneira muito parecida com o papel da mídia, as práticas do cotidiano escolar, também contribuem para a reprodução dessa ideologia burguesa ao fortalecer o ideal burguês/capitalista de família, de mulher, da vida com consumismo e uma visão fragmentária da história.

Enfim, para prosseguir com a discussão sobre a ideologia e ideologia dominante, é preciso entender melhor a questão da reprodução social, que de alguma forma já adentrou-se nas discussões acima.

## APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO:

### *A Escola enquanto aparelho mor de reprodução social e espaço de contradições e lutas*

Segue-se que toda formação social para existir, ao mesmo tempo que produz, e para poder produzir, deve reproduzir as condições de sua produção. Ela deve, portanto, reproduzir: as forças produtivas e as relações de produção existentes (ALTHUSSER, L. 1985, p. 54)

(...) na falta de uma expressão mais adequada, de 'pedagogia revolucionária', não é outra coisa senão aquela pedagogia empenhada decididamente em colocar a educação a serviço da referida transformação das relações de produção (SAVIANI, 2006, p. 76)

A sociedade capitalista necessita produzir e reproduzir as condições de produção (reprodução dos meios de produção e da força de trabalho), assim como necessita fundamentalmente reproduzir as relações de produção, pois este tipo de reprodução envolve o mecanismo que Althusser (1985) chama de mascaramento acionado pela ideologia.

Estas questões de produção e reprodução na sociedade capitalista são cruciais para o entendimento dos mecanismos que o próprio capitalismo utiliza para a sua sobrevivência e fortalecimento. Neste contexto, a reprodução das relações de produção se encaixa – aqui neste trabalho - na discussão a respeito do papel do Estado, e de outras instâncias e instituições que participam do processo de reprodução social.

Em outras palavras, a escola (mas também outras instituições do Estado, como a Igreja e outros aparelhos como o Exército) ensina o 'know-how' mas sob formas que asseguram a submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua prática (ALTHUSSER, L, 1985,p. 58)

E ao tratar do papel do Estado enquanto aparelho de reprodução das relações de produção da sociedade capitalista, a escola entra nesta discussão como sendo igualmente um aparelho do Estado que de alguma forma vai "*garantir a existência das classes sociais com seu respectivo relacionamento de dominação e subordinação econômica, política e ideológica (...)*" (NOSELLA, M. 1979, p. 24)

Muitos outros autores como Althusser contribuíram para a discussão crítica sobre a escola no contexto da sociedade capitalista. Autores como P. Bourdieu e J. C. Passeron que tratam da teoria do Sistema de Ensino como violência simbólica, e autores como C. Baudelot e R. Establet tratam da teoria da escola dualista, mostram que a escola está dividida em duas classes sociais, a burguesia e proletária. Esses e outros autores fazem uma outra discussão acerca do papel da escola no contexto da complexidade social.

Como afirma Saviani (2005) essas teorias vieram para contestar a forma como a escola estava sendo visualizada no contexto social, como uma escola homogeneizadora e salvadora da sociedade. Tal visão positiva da educação foi denominada por Saviani como teorias não-críticas (Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista) afirmando que para esse grupo teórico:

(...) a sociedade é concebida como essencialmente harmoniosa, tendendo a integração de seus membros (...) A marginalidade é, pois, um fenômeno acidental que afeta individualmente um número maior ou menor de seus membros (...) a educação emerge aí como um instrumento de correção dessas distorções (...) concebe-se a Educação com uma ampla margem de autonomia em face da sociedade (...) tanto que lhe cabe um papel decisivo na conformação da sociedade evitando sua degradação (...) (SAVIANI, 2005, p.4)

Os autores que criticam esse papel da educação constroem teorias que Saviani caracteriza como teorias críticos-reprodutivistas e entendem a sociedade como marcada pelas condições materiais de existência e por isso, *“marcada pela divisão entre grupos ou classes antagônicas (...)”* (idem, p.4), e que nesse processo histórico, a educação tem o papel de reproduzir as condições sociais.

Nesse contexto, a educação é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, cumprindo aí a função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização.

Bourdieu (1975), por exemplo, foi um autor que forneceu importantes informações sobre o “*quadro macrosociológico de análise das relações entre o sistema de ensino e a estrutura social*” (NOGUEIRA, M. 2002, p. 35) e constrói a teoria da violência simbólica exercida pelo sistema de ensino, por meio da ação pedagógica (AP), pela autoridade pedagógica (AUP) e pelo trabalho pedagógico (TP). Através desses meios a escola exerce sobre os alunos a violência simbólica, ou seja, pela imposição arbitrária da cultura dos grupos ou classes dominantes.

Isso significa que no âmbito do sistema de ensino, para Bourdieu & Passeron, a Ação Pedagógica que se exerce pela Autoridade Pedagógica (legítima) é realizada pelo Trabalho Pedagógico, que é:

(...) como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um *habitus* como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da ação pedagógica (AP) e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado (BORDIEU & PASSERON, 1975, p. 44)

Para Bourdieu, a instituição escolar pela reprodução cultural (cultura essa que ele diz arbitrária, por ser dominante), contribui pra reproduzir as desigualdades sociais.

Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. (NOGUEIRA, M, 2002, p. 17)

Nesse sentido, a teoria coloca que:

(...) os marginalizados são os grupos ou classes dominados. Marginalizados socialmente porque não possuem força material (capital econômico) e marginalizados culturalmente porque não possuem força simbólica (capital cultural). E a Educação longe de ser um fator de superação da marginalidade, constitui um elemento reforçador da mesma. (SAVIANI, 2005, p.21)

Ao tratar dessas teorias que Saviani chama de teorias críticos-reprodutivistas, um outro autor aparece para o debate: Althusser que trás para a discussão a questão do Estado e seus aparelhos de repressão e ideológicos, como instrumentos da classe dominante legitimarem seu poder sobre a classe explorada.

Como Marx havia dito em seu texto no Manifesto Comunista (1998), o Estado surge como instrumento legitimador das forças da classe dominante.

Para garantir a reprodução das relações de produção, o que significa garantir a existência das classes sociais com seu respectivo relacionamento de dominação e subordinação econômica, política e ideológica, as classes dominantes utilizam-se do Estado, que nada mais é que um instrumento de repressão assegurador da dominação da primeira sobre a classe operária (NOSELLA, M. L, 1979, p. 24)

Althusser é um autor que traz contribuições pertinentes a esse trabalho, por mostrar as formas de reprodução social presentes no Estado.

Primeiramente, Althusser, em seu livro *Aparelhos Ideológico do Estado* (1985), explica que a reprodução das forças produtivas e das relações existentes necessita do Estado enquanto legitimador da reprodução social, e fala sobre a distinção que existe dentro do Estado, pois existe os Aparelhos Repressivos, (ARE) fazendo parte desse segundo Althusser, o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, que funcionam através da força, da violência.

Assim como existe o ARE, existem os Aparelhos Ideológicos do Estado (AEI), que funcionam através da ideologia pelas instituições que o autor afirma serem: AEI religioso (sistema das diferentes Igrejas); AEI escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e privadas); AEI familiar; AEI jurídico; AEI sindical; AEI de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc...); AEI cultural (Letras, Belas Artes, esportes, etc...).

Nesse contexto, que Althusser explicitou, *“o ARE, funciona predominantemente através da repressão (inclusive física) e secundariamente através da ideologia”* (p.70)

Da mesma forma, mas inversamente, devemos dizer que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimilada, ou mesmo simbólica. Desta forma, a Escola, as Igrejas “moldam” por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção (...) (ALTHUSSER, L. 1985, p.70)

O conceito que Althusser expressa como Aparelho Ideológico do Estado, vem da tese sobre a ideologia enquanto um produto da existência material...

(...) a ideologia tem uma existência material, e isto significa dizer que a ideologia existe sempre radicada em práticas materiais reguladas por rituais materiais definidos por instituições materiais (idem, p. 91-92)

Dentro dessa explicação de Althusser, sobre os aparelhos do Estado, fica claro que a classe dominante faz uso desses aparelhos sejam repressivos ou ideológicos como meios para se manterem e reproduzirem as forças produtivas e as relações de produção da sociedade capitalista.

O autor afirma fortemente que a Escola no processo histórico foi tomando um lugar crucial de aparelho ideológico no contexto social de reprodução das relações de produção da sociedade capitalista.

Assim como no período pré-capitalista, a Igreja (tomava funções religiosas, escolares e culturais) era o aparelho ideológico dominante junto com a família, a Escola, então, passa a ocupar esse domínio enquanto Aparelho de inculcação ideológica da classe dominante.

Acreditamos portanto poder apresentar a Tese seguinte (...) Afirmamos que o aparelho ideológico de Estado que assumiu a posição dominante nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classe política e ideológica contra o antigo aparelho ideológico do Estado dominante, é o aparelho ideológico escolar. (idem, p.77)

O aparelho ideológico fundamental do Estado, para o autor é a Escola, ou seja, o aparelho escolar se incumbe da reprodução das relações de exploração capitalista.

Esta tese de Althusser, indica caminhos para discussões atuais sobre o papel da escola no contexto da sociedade capitalista, tendo em vista por exemplo, as práticas dentro da escola.

E ao discutir a respeito desse papel da escola, enquanto aparelho ideológico do Estado, ele aponta para uma visão negativa e pessimista sobre a função da escola e do papel do professor/professoras neste contexto. Posição que fica muito clara neste trecho:

Peço desculpas aos professores que, em condições terríveis, tentam voltar contra a ideologia, contra o sistema e contra as práticas em que este os encerra, as armas que podem encontrar na história e no saber que “ensinam”. Em certa medida são heróis. Mas são raros, e quanto (a maioria) não tem sequer um vislumbre de dúvida quanto ao “trabalho” que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obrigam fazer, pior, dedicam-se inteiramente e em toda a consciência a realização desse trabalho (os famosos métodos novos!). Têm tão poucas dúvidas, que contribuem até pelo seu devotamento a manter e a alimentar a representação ideológica da Escola que a torna hoje tão “natural”, indispensável-útil e até benfazeja aos nossos contemporâneos, quanto a Igreja era “natural, indispensável e generosa para os nossos antepassados de há séculos” (idem, p.80-81)

Esse pessimismo demonstrado nos escritos do autor, indica e aponta para uma discussão pertinente acerca das ações e práticas no contexto da educação e em específico da escola, e contribui fortemente para nossa discussão, aqui neste trabalho, a respeito das datas comemorativas no contexto escolar.

Claro que, o recorte feito nesse trabalho, não vem de forma alguma fragmentar toda complexidade das práticas do contexto real da escola, mas sim, trazer para a discussão e reflexão sobre “pequenas” atitudes/ações construídas dentro desse contexto histórico de relações sociais, que diz respeito à formação/ informação do ser humano, sem entender aqui, o papel da escola como “salvadora” e formadora mor da sociedade, mas como uma, instituição/ espaço social que trás em sua complexidade aspectos fortes de reprodução de uma sociedade capitalista. E que ao mesmo tempo contém fortes traços contrários a esse movimento.

E essa discussão sobre a escola enquanto espaço de contradições e lutas, é extremamente pertinente, para haver o debate sobre a ideologia , reprodução social e o

movimento de resistência na sociedade e na escola, significando o aspecto de superação do papel negativo que a escola acaba carregando no contexto da sociedade capitalista.

Nogueira (2002), por exemplo, traz fortes contribuições ao nosso debate, quando discute os limites e contribuições da teoria de Bourdieu sobre o sistema escolar no contexto social.

Como foi apontado acima, Bourdieu em sua teoria sobre reprodução social e legitimação pela escola, mais especificamente trabalhada na obra *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino* (1975), prevalece a idéia pessimista de que a escola inevitavelmente reproduz as estruturas sociais.

No entanto, para além dessa percepção negativa, Nogueira mostra que de fato essa análise de Bourdieu foi extremamente importante principalmente no plano macrossocial das relações entre as classes, porém a autora indica que:

Essa análise, no entanto, não pode ser transposta diretamente para o plano microsociológico. Existem diferenças significativas no modo como cada escola e ou professor participa desse processo de reprodução social (NOGUEIRA, M, 2002, p. 34)

Além disso, outros aspectos são importantes e precisam ser levados em consideração, como por exemplo o aspecto da diversidade interna do sistema de ensino. Fatores que indicam que o movimento dentro das escolas é muito mais complexo e contraditório quanto parece ser. A forma como cada unidade se organiza, os profissionais presentes, os princípios pedagógicos, são elementos indispensáveis para discussão sobre o papel da escola enquanto reprodutora social e ao mesmo tempo, espaço de lutas, espaço de possibilidades de se pensar e construir outra sociedade.

Saviani (2005), um outro autor indispensável nessa discussão, traz questões importantes para entender que *“a escola sofre determinações do conflito de interesses, que*

*caracteriza a sociedade (capitalista)” (p.30), e que, portanto, é preciso pensar numa “teoria crítica da educação tendo em vista os interesses dos dominados” (p.30)*

Uma teoria (...) impõe-se a tarefa de superar tanto o poder ilusório (que caracteriza as teorias não-críticas) como a impotência (decorrente das teorias crítico-reprodutivistas), colocando nas mãos dos educadores uma arma de luta capaz de permitir-lhes o exercício de um poder real, ainda que limitado. (SAVIANI, 2005 p. 31)

Essa importante contribuição de Saviani para o avanço do debate sobre o papel da escola é extremamente pertinente neste trabalho de pesquisa, tendo em vista, principalmente que a tarefa contra a seletividade, a discriminação, a exploração das camadas populares, é possível também na escola, e principalmente com o trabalho dos professores e professoras dentro desse contexto.

Em seu livro *Escola e Democracia* (2005), o autor estrutura a idéia “*para além da curvatura da vara*”, em que fala justamente do papel revolucionário da escola, sem que tal pensamento seja idealista e/ou negativo:

A pedagogia revolucionária é crítica. E, por ser crítica sabe-se condicionada. Longe de entender a educação como determinante principal das transformações sociais, reconhece ser ela elemento secundário e determinado. Entretanto, longe de pensar como o faz a concepção crítico-reprodutivista, que a educação é determinada unidirecionalmente pela estrutura social dissolvendo-se a sua especificidade, entende que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade. (...) Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade. (SAVIANI, 2005, p. 65-66)

Saviani, permite direcionar a discussão sobre a escola no contexto da sociedade capitalista de maneira a trabalhar melhor a forma como se vê a escola, enquanto um espaço muito mais complexo e palco de contradições e portanto, de lutas.

Nesse sentido, as idéias do autor participam da discussão acerca das Datas Comemorativas na sociedade e na escola. Contribuindo para a compreensão dentro do processo de transformação e superação, da importância do trabalho docente, que pode

possibilitar a *“apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem.” (Idem, p. 71)*

Ao prosseguir com o trabalho é possível visualizar que o processo histórico de formação social do Brasil, está duramente marcado pelos interesses burgueses. Interesses que impedem e vem impedindo a apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais importantes no combate a exploração.

### CAPÍTULO III

#### AS DATAS COMEMORATIVAS NO BRASIL: *o mito fundador e a forte presença das manifestações ideológicas no processo histórico*

Permanecendo na discussão sobre a questão da reprodução social e o papel da escola, e ao mesmo tempo avançando na discussão sobre algumas práticas que revelam esse aspecto negativo de reprodução social, é necessário tratar um pouco sobre a formação social no Brasil no que tange a questão das Datas Comemorativas, da qual o presente trabalho se propõe a discutir.

Ao adentrar nesse tema que tratará de aspectos históricos e de formação social, no que diz respeito às datas comemorativas, é importante ressaltar que a questão ideológica e de reprodução social está muito presente no processo histórico da sociedade brasileira, revelando o que a Chauí (2006) denomina de *mito fundador*.

Isso porque, muitas das Datas fixadas como feriados nacionais (ANEXOS I, II, III, IV, V, VI) ou outras que mesmo sem ser feriado, trazem de forma clara ou muitas vezes subjacentes, posições políticas, religiosa, e principalmente uma posição ideológica capitalista.

Obviamente que datas não consideradas feriados, ou datas que não são legitimadas legalmente enquanto datas festivas ou cívicas, carregam também fortemente um caráter ideológico e principalmente mercadológico. Exatamente porque numa sociedade capitalista liberal, preza-se pelo extremo consumo em nome do “livre mercado”, que significa os interesses do capital.

Muitos são os exemplos dessas datas, tais como: Dia das mães (ANEXO II), dia dos pais, dia da criança etc, em que o poder da mídia (enquanto instrumento de propagação de ideal de consumo), cumpre seu papel de “sedução” da massa consumidora em tempos/datas festivas. O dia das mães, por exemplo, foi criada num momento histórico, (1932) em que Getúlio Vargas decretou a data utilizando argumentos como: o sentimento emocional, a

ternura, a veneração e o amor materno, como justificativas ideológicas para amortizar os conflitos da realidade histórica. Dentro de uma perspectiva crítica, é possível perceber que o governo procurou demonstrar nesses argumentos a realidade de uma sociedade harmoniosa, fraterna e, portanto, sem conflitos. Além dessas questões, é preciso pensar na complexidade do contexto e do processo histórico em que se encontrava o Brasil no governo de Getúlio, e toda a ideologia capitalista fortemente presente nesse momento. Até hoje essa data carrega um sentido ideológico de mulher, de família na sociedade capitalista e carrega principalmente o dantesco sentido mercadológico.

Historicamente, grande parte das Datas Comemorativas, presentes no calendário nacional, assim como todas as outras, passam por votação na câmara dos deputados, depois de serem analisadas enquanto proposta e depois serem votadas. Ou seja, a representatividade do Estado, decide dentro dos trâmites legais no âmbito de decisões democráticas (dentro dessa organização do Estado), para que tal proposta de data seja votada e considerada um feriado nacional, se tornando então, lei.

No decorrer da pesquisa, foi encontrado um projeto de resolução (2003) de autoria do deputado federal Chico Alencar (PSOL/RJ), que inevitavelmente foi colocado neste trabalho, por conter informações importantes para uma discussão acerca do sentido que as datas carregam, e como os representantes (no caso deputados), demonstram opinião e crença acerca desse assunto.

Dentro desse projeto constava a idéia de inserção de trabalhos com as Datas Comemorativas no próprio Congresso Nacional, num projeto de resolução de 2003. O deputado Chico Alencar, expressa neste projeto e justifica o significado dessas Datas no calendário:

A instituição de datas comemorativas, inseridas no calendário nacional através de leis por nós votadas, tem por finalidade precípua o resgate da memória brasileira como instrumento de afirmação da cidadania e de valorização da identidade nacional.

(...) Ocorre que, muitas vezes, a própria população não se identifica com essas datas nacionais, não passando de mera formalidade legal. Ou quando se trata de datas que são ao mesmo tempo feriados nacionais, a exemplo da data máxima da nacionalidade – 7 de setembro – elas tendem a cair no esquecimento total. No nosso entender, as datas comemorativas nacionais e internacionais devem se constituir em momento de reflexão e oportunidade crítica para que os brasileiros se coloquem diante de sua própria realidade social (Projeto de Resolução número 58 de 2003)

Obviamente que este texto do deputado, representando as idéias de todos os demais deputados presentes na época, não expressa integralmente os significados políticos e ideológicos subjacentes nas datas comemorativas, e que se seguem ao longo de todo processo histórico. Ao mesmo tempo, o deputado revela o pensamento ideológico, o “sentimento patriótico” e elitista que fez parte do longo processo de formação social brasileira e que está presente fortemente nos dias atuais.

Mesmo que não contássemos com pesquisas, cada um de nós experimenta no cotidiano a forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos. Essa representação permite, em certos momentos, crer na unidade, na identidade e na indivisibilidade da nação e do povo brasileiro, e, em outros momentos, conceber a divisão social e a divisão política sob a forma dos amigos da nação e dos inimigos a combater, combate que engendrará ou conservará a unidade, a identidade e a indivisibilidade nacionais. (CHAUÍ, M., 2006, p.08)

Dentro dessa mesma perspectiva ideológica, um outro projeto de lei (ANEXO VII) de autoria da senadora Roseana Sarney (PFL/MA), revela mais uma vez, uma mentalidade das representações que a sociedade burguesa vem ao longo do processo histórico reproduzindo como “*verdade*”, embora o discurso seja de consideração aos “*valores, trajetória histórica e contexto sócio-cultural*” (Projeto de Lei 6369/2005, parágrafo único) das comunidades etc.

A força dessa representatividade, demonstra como foi sendo construído na sociedade brasileira, o mito fundador, que:

(...) oferece um repertório inicial de representações da realidade, em cada momento da formação histórica. (...) Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação. (Idem, p. 10)

Nesse contexto, muitos aspectos ideológicos foram se caracterizando em diversos âmbitos sociais no país.

Os elementos ideológicos contidos em muitas das propostas (que se tornaram leis) de Datas Comemorativas como, por exemplo, Dia 6 de abril (Paixão de Cristo), 7 de junho (Dia de Corpus Christi), 12 de outubro (dia da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida), 02 de novembro (dia de finados), expressa claramente, uma posição ideológica dominante de uma única religião (Católica Romana), num Estado que se declara laico, desde a constituição de 1891 e 1988. Observando, que, a instituição de um Estado laico, não significa um Estado de todo justo perante as demais manifestações religiosas.

O porque de instituir tais datas religiosas no calendário nacional, por exemplo, vem de um longo processo histórico de um país que durante séculos foi um Estado Confessional, no qual a Igreja (Católica Apostólica Romana), trazida no processo de colonização do Brasil, era a religião oficial e, se fixou junto com o Estado, nas decisões religiosas, políticas e culturais do país. Veja o que declara um dos documentos do Brasil Império, no qual o art. 5 da Carta Magna de 1824 estabelecia a “liberdade de crença” e a tolerância de outras religiões:

(...) A religião católica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particularmente, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo. (Carta Magna, artigo 5, 1824)

Mesmo com o decreto de 1890, orientado por Rui Barbosa, que instituiu a liberdade de culto, o Estado, além de considerar e legitimar Igreja Católica enquanto instância religiosa oficialmente declarada, era também financiada pelo próprio Estado para prosseguir com suas estruturas, inclusive políticas e ideológicas fortemente fixadas no Brasil. Isso é nítido no documento decreto, art 6 que diz:

O Governo Federal continua a prover à cõgrua, sustentação dos actuaes serventuários do culto catholico e subvencionará por um anno as cadeiras dos seminários; ficando livre a cada

Estado o arbítrio de manter os futuros ministros desse ou de outro culto, sem contravenção do disposto nos artigos antecedentes. ( Decreto do Governo Provisório, 119-A, artigo 6, de 07 de janeiro de 1890)

A separação entre Estado e Religião, dentro de um processo histórico complexo, se mostrou no documento da Constituição Republicana de 1891, disposto no artigo 72, parágrafo 7, que diz: *“Nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial nem terá relações de dependência ou aliança com o governo dos Estados”*.

Apesar dessa *“separação”* declarada , a influência católica é muito forte, deixando marcas indeléveis na sociedade do Brasil, por 400, 500 anos desde que se iniciou o processo de colonização.

A fortes influências do cristianismo, da Igreja católica em especial, são gritantes na sociedade brasileira, sobretudo influências referentes a moral e aos bons costumes da religião que se atrelaram e atrelam-se a moral burguesa. Influencias essas que são pertinentes explicações para que se institua tantas e tantas Datas Comemorativas, declaradas como feriados religiosos, num país como o Brasil, em que a diversidade religiosa é incrível.

Um desses momentos de trâmites para se instituir como feriado nacional, um acontecimento religioso, se deu por esses dias, do ano de 2007, no qual uma proposta de um deputado, sugeriu instituir feriado para o dia 11 de maio, por conta da vinda do atual representante maior da Igreja Católica, o atual Papa Bento XVI, ao Brasil para canonização de um santo (Frei Galvão). Tal proposta chegou a virar decreto dentro do Estado de São Paulo, mas não ficou vigorado feriado nacional.

Esse é um dos muitos exemplos da extrema influencia religiosa (Católica Apostólica Romana) sobre diversos âmbitos sociais no Brasil, indicando também um forte poder ideológico nas relações sociais, na mídia, nas instituições públicas, inclusive, a escola. Prática religiosa legitimada pelo Estado, e que nega as inúmeras outras possibilidades de

manifestação religiosa, dando margem para a superioridade de uma religião sobre outra, discriminação e preconceito religioso, num país onde há enorme diversidade religiosa.

Ao mesmo tempo, na voz da legalidade a constituição de 1988 afirma:

o artigo 5º [...] - VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, e, garantida na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias. (Constituição da República Federativa do Brasil, Título II, Capítulo I, artigo 5 – VI, 1988)

E se declara enquanto Estado laico quando diz na mesma constituição, no artigo 19:

É vedado à União, aos Estados, e ao Distrito Federal e aos Municípios: I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles relação de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da Lei, a colaboração de interesse público. (Constituição da República Federativa, Título III, Capítulo I, artigo 19, 1988)

Claro que a formação social do Brasil é muito mais complexa e requer maior aprofundamento, porém é possível visualizar desde o processo de colonização do país, a forte participação da elite burguesa, juntamente com a igreja católica na constituição de uma mentalidade e de práticas capitalistas liberais. Sem cair no equívoco de reproduzir aqui, a idéia de que quem “fez a história do Brasil” foram os portugueses ou os jesuítas. Em hipótese alguma, até porque, o que entra em questão é justamente a discussão sobre o papel que a elite capitalista e a igreja teve no processo de construção de um mito fundador e de uma sociedade autoritária no Brasil (Chauí, 2006).

Um outro efeito pode ser observado se reunirmos a sagração da história e a sagração do governante. Ao articula-las, notaremos que o mito fundador opera de modo socialmente diferenciado: o do lado dos dominantes, ele opera na produção da visão de seu direito natural ao poder e na legitimação desse pretensão de direito natural por meio de redes de favor e clientela, do ufanismo nacionalista, da ideologia desenvolvimentista e da ideologia da modernização, que são expressões laicizadas da teologia da história providencialista e do governo pela graça de Deus (CHAUI, M, 2006, p.86)

E de fato, o que se vê atualmente nos diversos âmbitos sociais continua sendo a forte influência do cristianismo, (o catolicismo), e de seus ideais que se entrelaçam com interesses

da classe dominante, a burguesia (moral e bons costumes, família dentre outros interesses) e que por sua vez, ideologias que transparecem nas práticas escolares ao trabalhar as datas comemorativas, como por exemplo a Páscoa, que junto com os ideais religiosos do catolicismo, carrega os ideais burgueses da comercialização, do consumismo (ovos de páscoa), alimentado pela mídia e reproduzido pela escola.

Até porque *“no capitalismo, não há coisa alguma e pessoa alguma que escape da condição de mercadoria, não tendo como ser retirado do circuito da circulação mercantil”* (Idem, 2006, p. 12)

A mídia também como instrumento de reprodução social e de grande influencia ideológica, é forte aliada dentro desse contexto capitalista do extremo consumo que caminha segundo a lógica do mercado, principalmente porque a grande mídia se alimenta nesse mercado de lucros. As datas comemorativas são como ganchos ou iscas para se pescar os consumidores. Datas como das Mães, Pais, Páscoa, Natal, são temas favoráveis para que a mídia televisiva e imprensa bombardeiem com seus jogos de sedução, para atrair milhões de consumidores e assim alimentar o capitalismo selvagem.

Lembre-se, por exemplo, o formidável poder que os meios de comunicação de massa exercem sobre a imaginação popular, coletiva e individual. Imagens poderosas, ‘mas reais que a realidade’, em telas ubíquas estabelecem padrões da realidade e de sua avaliação, e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade ‘vívida’(...) (BAUMAN, 2001, p. 99)

E a escola de certa forma compartilha desse movimento de sedução que a mídia reproduz incessantemente para atrair o consumidor, ao trabalhar a questão do presente para as Mães, pais, o Natal etc. Ações aparentemente simples, mas que trazem inúmeros significados dissimulados e subjacentes.

Isso sem contar no caráter ideológico, presentes em datas como do 7 de setembro (Dia da Proclamação da Independência do Brasil), 21 de abril (Dia de Tiradentes), 19 de abril (dia

do Índio) como já foi falado acima com o apoio da autora Chauí, que trata sobre o mito fundador e da formação de uma sociedade capitalista autoritária.

Isso, porque o sentido ideológico é gritante nessas datas, pois carregam interesses burgueses, como a necessidade de perpetuar as relações de poder de uma classe dominante, que diante da prática de criar o mito, ou a Data, sugere e transfere a toda coletividade, através da reprodução de sua ideologia, uma História que quer e precisa contar para permanecer no poder.

Um desses exemplos, é possível ver na Lei 5692/71, durante o governo militar que substituiu o ensino de História e Geografia nas primeiras séries, por Estudos Sociais, que junto com a Educação Moral e Cívica ganhou contornos fortemente ideológicos, de ufanismo nacionalista, como forma de justificar o projeto do governo militar, junto com os ideais burgueses/elitistas para o país.

Além desse elemento de legitimidade do poder, é importante ressaltar que muitas das datas cívicas, como o caso das datas que trazem em si o significado do movimento histórico como uma sucessão de fatos ou grandes eventos - como a Independência assim como os heróis considerados construtores da nação, como o caso de Pedro Álvares Cabral, por exemplo - fragmentam a complexidade do processo histórico, delimitando conceitos e acontecimentos que negam todo um emaranhado de fatos e sujeitos históricos, em favor de uma História de mitos e heróis que minimizam os conflitos e as lutas sociais.

Acontecimentos históricos esses e mitos/heróis contados e re-contados durante todo processo histórico no Brasil, pela classe dominante, pelos colonizadores, que ao propagar a idéia de que "*Descobriu o Brasil*", mascara toda a brutalidade e massacre que realizou durante o processo de Invasão do Brasil e colonização, ou que Chauí chama de invenção e criação do mito fundador e da sociedade autoritária no Brasil. E Isso não é novidade. O que

acontece de fato, é a perpetuação de tal ideologia colonizadora nessas datas comemorativas, que infelizmente relembra uma História que não é a real, porém fragmentada e ideológica.

O Brasil, achamento português, entra na história pela porta providencial, que tenderá a ser a versão da classe dominante, segundo a qual nossa história já está escrita, faltando apenas o agente que deverá concretizá-la ou completá-la no tempo. É essa visão que se encontra na abertura do Hino Nacional, quando um sujeito oculto – “ouviram” – é colocado como testemunha de “um brado retumbante”, proferido por “um povo heróico”, grito que, “no mesmo instante”, faz brilhar a liberdade no “céu da pátria”. Num só instante ou instantaneamente surge um povo heróico, significativamente figurado pelo herdeiro da Coroa portuguesa, que, pó um ato soberano da vontade, cinde o tempo, funda a pátria e completa a história. (Idem, 2006, p. 78)

A autora demonstra em seu texto que muito mais do que perpetuação ideológica da história do Brasil, é a concretização de práticas autoritárias perfeitamente visíveis atualmente, e que foram planejadas ao longo desse processo histórico pela classe dominante legitimadas pelo sagrado, pelo heroísmo e pelo patriotismo,

(...) realizando práticas alicerçadas em ideologias de longa data. Como as do nacionalismo militante apoiado no “caráter nacional” ou na “identidade nacional”, (...) somos uma formação social que desenvolve ações e imagens com força suficiente para bloquear o trabalho dos conflitos e das contradições sociais, econômicas e políticas, uma vez que conflitos e contradições negam a imagem da boa sociedade indivisa, pacífica e ordeira. (CHAUI, 2006, p. 91)

E diante de tais práticas ao longo do processo histórico de invenção e criação do mito fundador, a sociedade brasileira vai se desenhando enquanto uma sociedade estruturalmente hierárquica nas diversas relações sociais.

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como cultura senhorial, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relações entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. (...) A divisão social das classes é naturalizada por um conjunto de práticas que ocultam a determinação histórica ou material da exploração, da discriminação e da dominação, e que, imaginariamente, estruturam a sociedade sob o signo da nação uma e indivisa, sobreposta como um manto protetor que recobre as divisões reais que a constituem. (idem, 2006, p.90)

As Datas comemorativas muitas e muitas vezes ao serem trabalhadas, nos seus diversos contextos sociais, e principalmente nas escolas, estão carregadas por uma perspectiva ideológica da história do Brasil, e que acaba por negar toda a complexidade e contradições históricas em nome de uma estrutura social capitalista, que favorece a classe dominante, dentro de sua moral, regras e regulamentos.

Uma dessas marcas da estrutura hierárquica está presente nas relações entre homem-mulher, por exemplo, que demonstra muitas vezes como uma relação é verticalizada e de superioridade.

É importante perceber que nessas Datas, o conceito de mulher (Dia das Mães), homem (Dia dos Pais), de índio (Dia do Índio) etc, que é transmitido historicamente, seja pela mídia, e pela escola, reforçam uma idéia ideológica, hierárquica, de superioridade de um sobre o outro, como no caso do homem sobre a mulher, do homem “civilizado” sobre a cultura indígena.

A forma como esses sujeitos, por mais que a realidade histórica seja outra no campo dos conflitos/ lutas sociais etc, infelizmente são construídos pela classe dominante ao longo da história, de maneira fragmentada para favorecer através da reprodução social (pela mídia, escola, por exemplo), a continuidade das estruturas capitalistas no âmbito das relações sociais.

Inúmeras são as práticas de reprodução ideológicas realizadas pela grande mídia, ou nas próprias relações interpessoais, ou pelas experiências pedagógicas em sala de aula, que demonstram na sutileza das práticas sociais o mascaramento, a dissimulação e reprodução ideológica de um ideal capitalista, ideal esse que traz marcas de autoritarismo, e que mascara as necessidades reais, e as lutas das camadas populares.

***CAPÍTULO IV***  
***ALGUMAS MANIFESTAÇÕES E MENSAGENS IDEOLÓGICAS NAS (PRÁTICAS COM) DATAS COMEMORATIVAS NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL***

Como percebe-se, o universo da sociedade capitalista é extremamente complexo, e necessita de muita discussão. Ao mesmo tempo, trazer para a discussão, mais especificamente, o tema sobre ideologia nas datas comemorativas, é uma forma, de estabelecer uma visão crítica e necessária de todo um processo complexo, sem que seja de forma alguma uma análise fragmentada, e distorcida da realidade, e sim, uma forma, mesmo que breve, de desmascaramento do real, dissimulado pelo discurso ideológico da classe capitalista hegemônica da nossa sociedade.

Paralelamente, a esse desmascaramento, novas possibilidades de superação também serão visualizadas, diante da brutalidade sutil das normas, valores, verdades de uma única classe que se apropriou historicamente das ferramentas, instrumentos de produção, e iniciou todo um processo de exploração, discriminação social brutal que perpetua pela reprodução social, até os dias atuais. E que por isso, merece ser combatida pela resistência e pela superação nas práticas cotidianas no contexto da escola.

---

Muitos são os caminhos para se pesquisar sobre as Datas Comemorativas e as formas como essas se manifestam no contexto social. Neste trabalho apareceram apenas algumas, que possibilitaram uma breve análise sobre o assunto.

A pesquisa na internet, juntamente com a pesquisa bibliográfica, foi uma das possibilidades primeiras para se visualizar analiticamente essas formas ideológicas subjacentes nas datas comemorativas.

Primeiramente, ao colocar o item de pesquisa num desses sites de busca, apareceram imediatamente em torno de milhares de itens referentes a esse tema. Muitos desses sites são muito parecidos em se tratando de conteúdo e como cada um fala do tema Data Comemorativa. Mostram-se no geral, como sites meramente informativos sobre determinada data (dia/mês), indicando explicações simples, ou poema sobre cada data etc.

Porém, o que mais chamou a atenção, foram os sites ligados a Educação que anunciavam Datas Comemorativas, e propostas ligadas a esse tema para que professoras e professores se orientassem, em quais as datas importantes no calendário, e propostas que indicassem formas de planejar e realizar as práticas com os alunos utilizando as Datas comemorativas no currículo da escola.

Os sites selecionados foram:

- [www.srteeducacao.pro.br/comemorativas.htm](http://www.srteeducacao.pro.br/comemorativas.htm)
- [www.educacional.com.br/datas.asp](http://www.educacional.com.br/datas.asp)
- <http://educaterra.terra.com.br/almanaque/datas>
- <http://noticias.uol.com.br/licaodecasa/materiais/fundamental/datas>

Dentre as possibilidades de trabalhos direcionadas ao professores, constavam nos sites indicados para o campo educacional, poemas para o Dia das Mães, Dia dos Pais etc, sempre com uma mensagem singela e ideológica de cultivo ao amor materno, e familiar, sempre com um sentido dissimulado de como uma família burguesa se organiza, ou ainda de cultivo ao pai ou mãe idealizados e estereotipados, muitas vezes distantes dos sujeitos reais e complexos da sociedade.

Esses elementos direcionados para o trabalho de professoras (os) encontrados nesses sites, fortaleceram a pesquisa em torno do campo educacional, e as diversas formas que a “inserção” das Datas Comemorativas no calendário escolar se mostra como algo quase que inevitável ao planejamento das práticas no contexto da escola.

O que estava em pauta, então, eram questões como:

- Como estas Datas estavam se manifestando no trabalho docente, no cotidiano com os alunos/crianças?
- Quais os conceitos utilizados nessas práticas? Que mensagens trazem?
- Quais as Datas mais “trabalhadas” no cotidiano? Por quê?
- E por que trabalhar Datas Comemorativas?

Obviamente que, muitos outros questionamentos vieram a tona, porém, essas acima foram as mais pertinentes e que orientaram o trabalho de pesquisa numa escola de Educação Infantil.

Foram pesquisados outros elementos como a pauta, e ata de reuniões pedagógicas de uma escola municipal de Hortolândia de Educação Infantil, como forma de saber como as docentes planejavam suas práticas levando em conta as Datas Comemorativas.

#### *Algumas experiências numa escola de Educação Infantil de Hortolândia*

Um dos campos de pesquisa desse trabalho, foi na escola pública municipal de Educação Infantil, a EMEI Nossa Senhora de Fátima I localizada no município de Hortolândia (Região Metropolitana de Campinas), onde atende crianças (de 2 a 6 anos) dos bairros Rosolém e Nossa Senhora de Fátima.

Um dos elementos pesquisados, foi o documento ATA, como registro das reuniões pedagógicas que aconteceram nos anos de 2006 e 2007. Reuniões essas que se realizam uma vez por semana, para que as profissionais docentes, e recreacionistas (monitoras/educadoras que colaboram no trabalho das professoras e que passaram a participar dessas reuniões nesse ano de 2007), juntamente com a coordenadora pedagógica da própria unidade. Essas reuniões são denominadas HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), realizadas em todas as unidades da rede municipal de Hortolândia.

Esses momentos são destinados para que as profissionais da educação se dediquem para discussões pertinentes as suas práticas diárias, estudos, e para o planejamento das aulas e atividades a serem realizadas com as crianças.

Além de ter acesso ao documento (ATA), eu pude participar das reuniões pedagógicas junto com o grupo de profissionais.

A escolha dessa unidade, se deu por força maior, pois eu trabalho como professora nessa unidade há dois anos, e esse trabalho de pesquisa, vem ao encontro de muitas dúvidas, e inquietações sobre a minha prática e a prática de minhas companheiras no contexto complexo da escola e da sociedade. Isso, porque durante os poucos 7 anos de docência com crianças, muitas ações e planejamentos pedagógicos, assim como as atividades com os alunos/crianças estiveram e estão recheadas de uma ideologia, e de uma mesmice sem tamanho no cotidiano da escola. Raízes, ranços pedagógicos que seguem no currículo escolar, e que não são discutidos, criticados ou sequer transformados.

Práticas com as Datas Comemorativas, por exemplo, que estão quase que absolutamente “inerentes” ao processo histórico das práticas escolares, são fortes indícios dessa mesmice no campo educacional, demonstrando também que a escola em que trabalho é reprodutora das relações de produção da sociedade capitalista, tendo em vista as práticas observadas nesse contexto.

Esse exemplo de prática, nessa unidade, é um dos muitos exemplos tão comuns também, em muitas outras unidades escolares, que ao chegar em alguma “*Data Importante*”, professoras correm no desespero para fazerem “*algo diferente*”. E nesse movimento acaba muitas vezes, por cumprir um papel importante de reprodutora de uma ideologia capitalista que nega a complexidade, a diversidade, fazendo um recorte fragmentado da história.

Essas ações pedagógicas relacionadas às Datas Comemorativas num contexto de Educação Infantil, que foi o espaço pesquisado, não se diferenciam muito das práticas no

contexto do Ensino Fundamental no que tange ao planejamento de atividades relacionadas a essas datas. Isso indica que desde a tenra idade, a criança ao adentrar o espaço da escola já na Educação Infantil, se vê em meio a um bombardeio ideológico sobre temas como Mães, Índio, etc.

No documento de registro (ATA) (ANEXOS VII e VIII) das reuniões pedagógicas, foi possível encontrar, através das pautas, algumas datas que fizeram parte do planejamento e organização do trabalho pedagógico nesta/desta unidade escolar. Porém, no documento em si, não fica demonstrado o que foi discutido, ou decidido com o grupo. E o que ficou especificado neste trabalho foi apenas a pauta das reuniões, como forma apenas de ver que data foi discutida nas reuniões das profissionais, sendo que as breves discussões e decisões sobre o assunto ficaram a cargo do registro que pude fazer nas minhas observações nas reuniões que participei.

Datas como Páscoa, Dia das Mães, Dia do Índio, Descobrimento do Brasil, Dia dos Pais, Dia das Crianças, e Natal, foram as comemorações que estiveram presentes no trabalho pedagógico da equipe visto na pesquisa.

Uma observação importante a ressaltar e lembrar, é que não há separação de disciplinas para o planejamento e elaboração das práticas na Educação Infantil, e por isso as profissionais, constroem suas práticas visando os objetivos próprios da Educação Infantil (FARIA, 2003), diferentemente do Ensino Fundamental, no qual as professoras trabalham com as disciplinas (História, Geografia, Português, Matemática, Arte, Educação Física).

Mas como já foi dito acima, muitas práticas escolares presentes no campo do Ensino fundamental estão fortemente presentes no contexto da Educação Infantil, como é o caso de práticas pedagógicas realizadas com as Datas Comemorativas.

É importante colocar aqui, que as professoras juntamente com a coordenadora nas reuniões sempre procuravam discutir sobre os trabalhos que estavam realizando, inclusive

com discussões e apoios teóricos importantes. O debate estava sempre presente sobre os projetos interessantes a serem construídos com as crianças de forma a atender suas dificuldades e necessidades em meio a sua realidade.

No entanto, os registros e análises das falas das professoras sobre as datas comemorativas não foram mais adensados por observar que as discussões nas reuniões ocorreram de forma rápida, sem que houvesse um debate ou mesmo o planejamento discutido em termos de conteúdos a serem trabalhados em determinada data.

Tal acontecimento dificultou grandemente a construção da pesquisa e das possíveis análises que poderiam acontecer. No entanto, tal fato evidenciou ao mesmo tempo um descompasso com o que as professoras estavam se propondo enquanto construção de um trabalho crítico e estruturado e o planejamento de trabalhos com datas comemorativas. Pois os trabalhos com as datas festivas, ficavam quase sempre em níveis simplificados de discussão, no senso comum e mal foram discutidos e debatidos em termos de conteúdos, por exemplo. No entanto, as datas estiveram presentes nas pautas e apenas foram aceitas e ideologicamente trabalhadas com as crianças, como vai ser possível ver a frente.

Seguem abaixo os temas que foram os mais encontrados nas reuniões pedagógicas e nas práticas com as crianças, ou mesmo, quando não combinados em reuniões, foram trabalhados por professoras separadamente com sua turma.

### **A PÁSCOA (2006 e 2007)**

De acordo com de planejamento registrado no documento ATA, a preocupação do mês de abril (2006) estava em pauta, dentre outros problemas e temas, a Páscoa era um tema a ser trabalhado nesse mês.

Embora , toda unidade tenha o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), onde estão organizados todo os objetivos, princípios embasados teoricamente, tendo em vista a realidade

local e das crianças que freqüentam a unidade, e construído coletivamente, enquanto documento norteador do trabalho pedagógico com as crianças, não consta neste projeto qualquer discussão ou referencia as Datas Comemorativas, no que tange as práticas, a organização dos trabalhos com relação a esse tema.

A cada reunião, é colocada uma pauta para discussão para a semana ou mês em questão, para organização das práticas, como por exemplo problemas que estão enfrentando e como resolver coletivamente, e realizarem bem o trabalho em equipe. Enfim, questões pertinentes à realidade da escola. Além disso, as docentes se organizam nesta reunião, como irão trabalhar com as crianças os projetos e temas na semana, ou mês.

Após uma breve discussão sobre outros assuntos da realidade da unidade escolar, veio a discussão sobre um dos temas da pauta. Uma das preocupações da pauta, como já foi dito acima, nesse mês de abril era a Páscoa. Os questionamentos primeiros, feitos pela coordenadora e pelas professoras na reunião foram: *O que fazer? Que Ovos de Páscoa vai ser dado as crianças? Que enfeite/máscara de Coelho da Páscoa vai ser feito?*

Ficou decidido sem maiores aprofundamentos na discussão, que a escola daria um pequeno ovo de páscoa de chocolate para todas as crianças, e que a escola precisaria angariar fundos para arcarem com as despesas com os ovos. Logo, algumas professoras se organizaram para começarem a fazer as máscaras de coelho da Páscoa, máscaras das quais as crianças sairiam enfeitadas com orelhinhas de coelhos para suas casas.

Qual o significado de tudo isso no contexto da escola??? Por que “comemorar” a Páscoa na escola?

Infelizmente o que possível ver, dentro de uma breve análise, foram ações coletivas de profissionais da educação sem uma reflexão, questionamento ou qualquer aprofundamento do que estavam fazendo e decidindo realizar a respeito da Páscoa com as crianças.

Como já foi discutido anteriormente neste trabalho, a questão religiosa, em específico, (a tradição católica européia), continua fortemente ligada no contexto social do Brasil, o que fica nítido nas datas (feriados religiosos) que constam no calendário do país. A comemoração da Páscoa, é uma manifestação religiosa cristã, e toda a simbologia que essa data carrega como o coelho ou o ovo, são símbolos criados pela igreja (tradição católica européia).

Ao mesmo tempo, a escola enquanto espaço público, e que deveria ser laico, sem qualquer manifestação religiosa hegemônica, é um espaço em que a presença da religião católica na organização de alguns trabalhos com as crianças fica muito nítido em datas como a Páscoa.

Seja pela simbologia do ovo ou do coelho, acaba sendo uma maneira mascarada de inserir a religião que é a religião cristã - em específico a tradição católica cristã - que no processo histórico do Brasil esteve fortemente ligada em diversos âmbitos sociais e que ainda hoje transparecem em práticas escolares.

E ao mesmo tempo, são práticas realizadas com as crianças desse contexto escolar, que reproduzem uma ideologia capitalista (de consumo) e segregadora de outras manifestações religiosas, a partir do instante que, a escola propõe a idéia do consumo do ovo de páscoa, da venda de rifas de ovos de chocolate naquela realidade. Enfim, reproduz a ideologia que trabalha em nome dos interesses do capital

Existe também, como foi possível constatar, a pertinência da escola em trabalhar a questão do consumismo do ovo de páscoa, muito presente nesta data, e que o mercado e a mídia, também compartilham. E que a escola por sua vez traz para a criança como algo que precisa existir, a partir do momento em que as profissionais, no caso, combinam entre si formas de dar, presentear, vender (rifas) para premiar com ovos de páscoa as crianças da unidade.

É preciso haver uma discussão ampla e questionadora sobre tais práticas, que parecem banais, mas que acabam por perpetuar uma atividade do consumo sem significado, de um consumo da data, pela data, que esconde e traz, ao mesmo tempo, toda uma tradição católica, que se atrela ao ideal do consumismo do sistema capitalista. Elementos esses que poucos são tratados pelas profissionais no contexto da escola, e que infelizmente continuam no nível do senso comum e que sustentam muitas vezes as práticas pedagógicas, como sendo práticas reprodutoras da ideologia capitalista.

### ***DIA DO ÍNDIO (2007) e “DESCOBRIMENTO DO BRASIL” (2007)***

Essas datas não constaram nas pautas e discussões nas reuniões pedagógicas, porém algumas professoras trabalharam essas datas com as crianças, como foi possível observar.

No dia do Índio (19 de abril), como acaba sendo de praxe nas escolas, as crianças foram embora com suas penas nas cabeças, feitas de diversos tipos de papel, como forma simbólica de “comemorar” o dia do Índio. Simplesmente as penas nas cabeças e nada mais...

O que foi possível observar neste contexto, foi exatamente a banalização de todo um contexto histórico e complexo sobre os Índios. Isso porque, em termos de conteúdo, pouco foram discutidos, entre as crianças, seja em termos de conceitos, ou o processo de colonização etc. E fica mais claro que, as pequenas falas e texto referentes ao tema (ver exemplo abaixo), assim como as práticas de se fazer penas para colocarem nas cabeças das crianças, como simbologia ‘máxima’ do dia do índio, demonstram ser práticas que revelam, ainda, uma visão deturpada e fragmentada da história e das lutas.

Obviamente que, há ou houve a preocupação, de certa forma, por parte de algumas professoras, em passar uma visão de que o Índio tem sua cultura, e tem seus direitos, porém é uma visão que não foi além disso. O debate coletivo sobre tais práticas, e a forma que constroem os trabalhos não avança, e as professoras acabam fazendo as mesmas coisas quase todos os anos.

Infelizmente, muitas professoras acabam fazendo desses dias, junto com as crianças, dias de meras simbologias que carregam em si. E diante da falta de combate de tal prática reprodutora, esse movimento prossegue até que as professoras um dia enfrentem, desmacarem de alguma forma e parem para discutir profundamente sobre o que estão fazendo no cotidiano da escola.

---

O mesmo acabou acontecendo com a Data do “Descobrimento do Brasil”, quando algumas das professoras utilizaram-se de um texto contando sobre o descobrimento:

Era uma vez um homem chamado Pedro Álvares Cabral que morava em Portugal e queria descobrir o que tinha no fim do mar. Aí ele pegou a caravela (...) Ele saiu e descobriu que no fim do mar tinha o Brasil. Lá moravam os índios e as índias. Eles não tinham roupas sem sapato. Eles pintavam o corpo e gostavam de se enfeitar com penas. (Autor desconhecido)

Esse é um trecho do texto trabalhado com as crianças sobre a data. O que confirma o papel reprodutor da escola de uma ideologia dominante e sua visão sobre toda invenção do mito fundador e de uma sociedade autoritária, na qual o português é o “herói” descobridor e “herói” de uma “raça inferior” e não civilizada que são os índios.

Se indagarmos de onde proveio essa representação e de onde ela tira sua força sempre renovada, seremos levados em direção ao mito fundador do Brasil, cujas raízes foram fincadas em 1.500. (CHAUÍ, M. 2006, p. 9)

### ***DIA DAS MÃES (2006 e 2007)***

Numa dessas reuniões pedagógicas do mês de maio (2006), a preocupação que já veio logo no fim do mês de abril, era com relação ao Dia das Mães. “*O que fazer para comemorar esse dia?*” - era a preocupação das professoras e da coordenadora pedagógica.

As idéias com relação à Data estavam sempre pautadas em “*dar algum presente para as mães*” das crianças , através da escola. Sem muita discussão sobre o assunto, a

coordenadora já veio com algumas propostas de presentes ou lembranças para serem dadas as mães. Sempre que chega nessas datas, existe uma forte preocupação em 'agradar' as mães das crianças.

De fato, uma ou outra profissional propõe discussão maior sobre o significado das Datas, sobre a questão de outras estruturas familiares, que não a família que a burguesia "nos ensinou". Porém, a discussão não foi muito longe, e a força da decisão do coletivo em ter que trabalhar essa data, e de representa-la com alguma lembrança, ou presente, ficou firme naquele momento.

O grupo decidiu que fosse dado um pequeno vaso de flores, junto com um poema. No ano de 2007 ficou decidido também em dar um presente para as mães, sendo dessa vez uma foto do filho ou filha num porta-retrato feito na escola, também, junto com um poema. Houve também uma pequena apresentação de uma música cantada pelas crianças para as mães, além de uma exposição de trabalhos feitos pelas crianças junto com as professoras.

Houve a apresentação das crianças para as mães, porém muitas não compareceram por trabalharem, muitas crianças tiveram como representantes avós, tias, ou mesmo pais que vieram no lugar da mãe que trabalha ou que não existe na vida das crianças. Muitas mães, ou outra(o) representante se emocionaram muito, outras pouco ligaram, assim como tiveram mães que abraçaram seus filhos e demonstrando felicidade, foram embora para casa.

Na exposição, tiveram os cartazes e painéis expostos constando sempre dizeres, poemas, desenhos de flores, corações, num sentido sempre de que a mãe é um "ser emocional", símbolo de amor e afeto, sacrifício, santidade e proteção.

Algumas mães puderam ir até a escola participar da exposição. Muitas mães foram até lá ver o que as crianças tinham produzido para elas com as professoras, outras mães já não compareceram por trabalharem.

Depois disso tudo, muitas questões surgem após esse breve relato e o que foi observado.

Claro que, diante de tudo o que aconteceu, do que as crianças produziram, da presença das mães ou de alguém da família na escola participando da festividade; da felicidade de algumas mães; do trabalho feito pelas professoras, enfim, tudo isso, pode parecer e de certa forma foi a realização de um trabalho. Porém, dependendo da perspectiva que irá analisar tal fato, todo esse momento pode parecer harmônico ou não.

Muitos pontos positivos talvez, poderiam ser levados em conta ao observar o que aconteceu com relação ao dia das mães ou outra data festiva. No entanto, não será neste trabalho que isso será feito, pois é impossível deixar que tal momento passasse despercebido para uma análise crítica, e dentro de uma perspectiva de que a escola está sim, cumprindo um papel reprodutor dentro do contexto da sociedade capitalista.

Por que dar um presente? Por que vaso com flores? Que mãe a escola está vendo e mostrando para as crianças ?

Assim como no trabalho de Nosella, em sua pesquisa com livros didáticos, aqui, nas práticas com datas comemorativas, os desmacaramentos foram muito parecidos, quando referem-se a questão da mulher. Isso, porque a visão machista, de inferioridade, visão de mulher enquanto ser frágil/sentimental, aparece também na questão das datas comemorativas, em pequenas atitudes e escolhas de presentes e poemas que descrevem uma visão estereotipada da mulher e da mãe, no contexto da escola. Uma visão generalizadora, na qual todas mães são vistas como iguais no amor, no afeto, na proteção aos filhos etc.

Há uma inculcação de uma mensagem ideológica sobre o seu papel, e o da mulher em geral, que corresponde as relações de produção da sociedade capitalista (...) Esse excesso de elogios dedicados a mãe parece ser uma forma de castração da mulher, no sentido de obriga-las, mediante chantagem emocional muito forte, a permanecer desempenhando esse papel (...) (NOSELLA, M 1981, p. 41-42)

E novamente, a escola ao insistir nesta questão de presentear, persiste na ideologia do merecimento, do agradecimento/gratidão dos filhos, persiste na ideologia de uma mãe/mulher criada pela sociedade capitalista e por isso, a escola acaba que por utilizar-se do artifício de presentear a “mãe perfeita” que a grande mídia, o grande mercado do consumo e escola criam e perpetuam pela reprodução.

Será que a escola se questiona quanto as suas prática ante a realidade complexa das crianças e sua comunidade? Quanto a diversidade de mulheres, sejam mães ou não? Quanto as crianças que não tem essa mãe criada pela ideologia dominante (mãe burguesa) ? A escola se questiona ante a complexidade, multiplicidade e outras estruturas familiares?

Há muitas formas de uma escola chamar e convidar a comunidade para participar e construir coletivamente os momentos das festividades da escola sem que esses momentos sejam banais e carregados de mensagens ideológicas. É possível construir coletivamente, momentos que levem em consideração a realidade local das mães e pais trabalhadores, de mães ausentes, de avós, ou tios presentes sem fazer desses sujeitos, pessoas estereotipadas e dentro de um modelo burguês de família.

Não se pode negar que parte da comunidade que participou desse momento oferecido a eles, em específico para as mães, gostou e compartilhou de certa forma desse instante. E entender ou analisar esse tipo de participação da comunidade nessas festividades específicas da escola, é um outro ponto importante a ser discutido, mas que infelizmente não me cabe aqui - neste trabalho -adensar. Talvez num outro momento.

A preocupação é no sentido ideológico que tais práticas festivas (nas datas comemorativas) trazem e como a escola participa disso.

Claro que, muitos são os questionamentos no âmbito das escolas no que tange ás práticas reprodutoras da sociedade capitalista, porém, muito ainda precisa ser trilhado, ser desmascarado e produzido no contexto escolar num processo complexo e que merece grande

discussão. Isso porque, trabalhar, criar outras práticas junto com as crianças no contexto da escola, requer ver, e reconstruir a partir das condições concretas da história da comunidade, que no caso é Hortolândia (periferia), em sua diversidade, complexidade, no seu dinamismo.

### ***DIA DOS PAIS (2006)***

Uma outra data estava em questão no mês de agosto (2006): O Dia dos Pais!

Assim como a data do Dia das Mães, os pais agora seriam lembrados neste mês de agosto.

Como sempre uma das professoras presente na reunião, propõe uma discussão melhor sobre essa questão da data, questões seguintes:

- *como vem sendo trabalhada essas datas na escola?;*
- *e a realidade das crianças? até que ponto o trabalho pedagógico atinge essa realidade?;*
- *propõe também maior debate e trazer a comunidade a participar disso.*

A discussão não foi muito longe, e o grupo em sua maioria decidiu trabalhar o dia dos pais com as crianças. E os pontos e motivos levantados pelas professoras foram os seguintes:

- *É preciso trabalhar porque foi trabalhado em maio o dia das mães e os pais também merecem como as mães;*
- *Ano que vem a gente pensa melhor sobre isso;*
- *Vamos dar um presente para os pais também;*
- *E as crianças que não tem pai, dão o presente para quem estima mais.*

E foi isso que ficou decido coletivamente pelo grupo de professoras e coordenadora. Que se daria para todas as crianças darem para seus pais, uma caneta com os dizeres "*Papai eu te amo*".

Por que a insistência da escola em dar um presente para os pais das crianças? Que pai a escola esta vendo? Mais uma vez a questão.

A decisão de presentear os pais com caneta, demonstra mais uma vez uma visão generalizada e estereotipada de pai, além de vê-lo de maneira fragmentada como sendo o lado “racional” da família, o homem que pensa, ou como o chefe da família, que sai para trabalhar. Tal visão se atrela a idéia da mãe como foi vista acima, que é o lado emocional da família e que cuida dos filhos, e que portanto, se une com o homem, o lado racional.

A questão não é se as mães ou pais, por exemplo, merecem ou não serem prestigiados, presenteados. A discussão é muito mais ampla e complexa, e necessita ser inserida no contexto da escola e também da sociedade em geral. Até porque, o trabalho da escola, enquanto espaço público (escola municipal no caso da pesquisa) necessita compreender e trabalhar com essas famílias nas estruturas em que elas se encontram, nas suas condições reais, para a construção de um trabalho de ordem pública, coletiva, com as crianças, com as famílias dessas crianças, numa relação maior: escola-comunidade.

Tais características dos “pais e mães” são também muito parecidas das encontradas nos estudos (nos livros didáticos) de Nosella (1981) que diz:

Todos os personagens são descritos dentro dos mesmos padrões e apresentam, invariavelmente, os mesmos comportamentos. Os pais lembram aos filhos o dia das mães e vice-versa. (Nosella, 1981, p.48)

Obviamente que, a simbologia da caneta para o pai e a flor para a mãe carrega muitos significados que de imediato não passam na cabeça das profissionais professoras no momento de decidirem tais presentes como forma de comemorar o dia dos pais ou das mães.

Outras possibilidades de presentes já foram discutidas em outros momentos em outras unidades de ensino (da qual participei) e que merecem ser colocadas aqui, e que revelaram fortemente a visão ideológica de homem e de mulher na sociedade capitalista, como exemplo o presente do pano de prato para a mãe e chaveiro para o pai, ou porta-jóia para a mãe ou

carteira para o pai. Enfim, inúmeras são as atitudes, que por vezes parecem simples e carregadas de boas intenções, mas que infelizmente carregam representações ideológicas de como o homem e como a mulher deve ser na sociedade. Uma visão autoritária e machista que a escola insiste em reproduzir.

A ideologia nessas manifestações (de presentear com caneta e flor) mostra-se enquanto instrumento fortemente sutil e cruel, que adentra os âmbitos escolares e práticas, impedindo uma visão ampla, e uma discussão sobre o que está mascarado. O sentido ideológico dado ao “ser mãe e ser pai”, está tão amplamente alastrado, enraizado que dificilmente sofre uma inquietação por parte das pessoas no contexto social, assim como pelas profissionais no contexto da escola.

### *NATAL (2006)*

O tema Natal, não esteve presente em nenhuma pauta de nenhuma reunião pedagógica, porém, enquanto data fortemente marcada no calendário nacional e escolar, acaba que adentrando o cotidiano e o ambiente da escola, com toda simbologia que essa data carrega.

E o que acabou sendo observado, foram elementos como as árvores de natal, sininhos, cores, Papai Noel, aparecem nas salas de aula, na secretaria, no refeitório, nos corredores, enfim, tudo o que lembra natal, presentes no comércio, na mídia, a escola também participa desse momento comemorativo.

A questão está em: que importância essa simbologia toda do Natal tem no contexto escolar, para as crianças, ou mesmo para os adultos, já que tal data é um marco dentro do calendário católico, e apropriado pelo comércio como uma data de grandes lucros, fortalecendo o consumismo?

Mais uma vez, assim como a data religiosa da Páscoa, o Natal enquanto um momento da religião, se junta o campo do mercantilismo, e se atrelam em seus interesses particulares, e que acabam fortalecidos um pelo outro (religião e mercado).

O Natal, também, é uma festa padronizada cuja imagem é importada da velha tradição católica européia (...) com essas lendas explica-se e justifica-se a importação de costumes estrangeiros, que podem fazer parte da experiência de vida das classes sociais consumidoras, por ocasião do Natal. (NOSELLA, M. 1981, p. 91-92)

Nesse contexto, fica claro mais uma vez que a sacralização da história, ou seja a história como realização do plano de Deus ou da vontade divina é constante no processo de formação social, e aparece em muitos momentos, inclusive na escola e reproduzido por ela, em diversos momentos como em comemorações como páscoa, descobrimento do Brasil, natal etc.

*“É esse caráter dramático do tempo judaico que dará forma e sentido a idéia cristã de história, na qual o drama reúne homem e Deus (...)” (CHAUI, M, 2006, p. 71)*

A escola então, continua com esse ritual, comemorando uma data religiosa católica e fortalecendo o ideal mercantil de consumo nessa data.

---

Como foi possível observar, muitas questões pertinentes surgem quando se pára para pensar sobre a prática pedagógica com as Datas Comemorativas e como a escola se mostra frágil diante da complexidade das relações sociais. E acaba cumprindo um papel negativo de reprodutora da ideologia burguesa capitalista, através dessas práticas com as Datas presentes fortemente no calendário e contexto da escola.

A aparente falsidade é justamente a visão idealista burguesa que não apreende a base material e transmite seus interesses de classe como interesses universais (para todos e de sempre), isto é, as relações humanas fetichizadas não são mentirosas, são coisificadas (FARIA, A, 2002, p. 76-77)

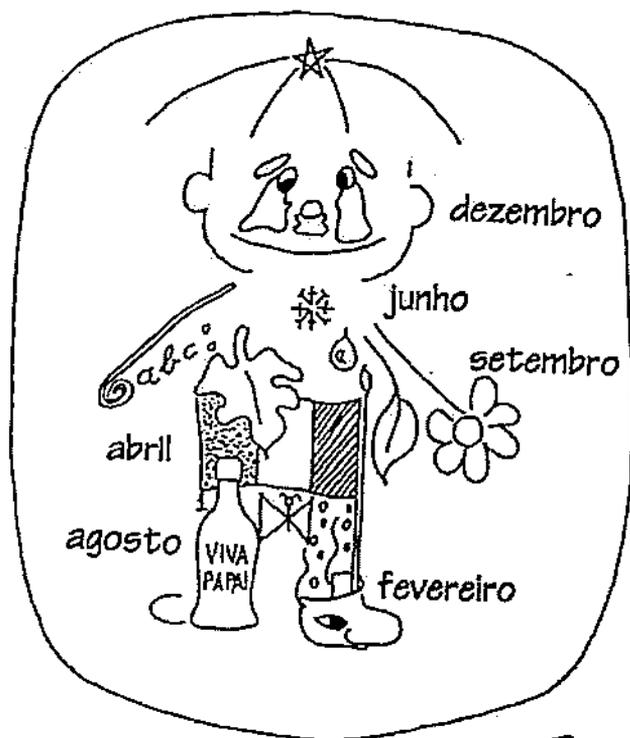
Dentro de uma ingenuidade e de uma insanidade perversa, os personagens responsáveis: professoras, e demais profissionais da educação assim como toda equipe que

exerce as práticas pedagógicas no cotidiano da escola, contribuí, coletivamente para a permanência da mentalidade ideológica de exclusão, machismo, discriminação e aceitação de uma única cultura, além de aceitarem a cultura capitalista do consumo exacerbado.

O papel da escola também é o de questionar as Datas e seus temas, e como trabalhá-las, levando em consideração a realidade em que as crianças vivem dentro de suas condições e contradições, e com esse conhecimento a escola construir o seu trabalho atrelado com essa realidade da comunidade e a partir daí, possibilitar instrumentos culturais necessários para mudança da sociedade.

Um outro ponto interessante observado nos trabalhos dessa escola pesquisada, foi a questão da fragmentação, inclusive, do próprio trabalho pedagógico, que ao trabalhar as datas comemorativas não se viam de maneira nenhuma atreladas ao trabalho e temas que as professoras já haviam muitas vezes já iniciado com as crianças desde o início do ano letivo. Ou seja, não havia um segmento e uma ligação direta entre os conteúdos que as profissionais estavam trabalhando e construindo com as crianças desde o início do ano, ou mesmo dentro de um projeto.

Tal situação demonstra como as datas comemorativas participam no trabalho pedagógico. É necessário haver um debate em nível coletivo a respeito das mensagens negativas que as práticas com as datas, da forma como foram ou estão sendo trabalhadas com as crianças. E o que acabou acontecendo – como observou-se - foi o mínimo debate sobre o assunto, e apenas decisões embasadas em senso comum, sem o aprofundamento ou discussão teórica sobre. Fato esse que deixa claro que a reprodução que a escola acabou realizando em suas práticas, se deu por conta, justamente, da falta de instrumentos teóricos e questionamentos aprofundados por parte da professoras no momento da organização do trabalho pedagógico.



..... E, NA PÁSCOA,  
OS OVINHOS.



(1979) O maternal: o programa

TONUCCI, 1997.

Observa-se que muitas datas ao serem trabalhadas nas escolas, nas unidades de Educação Infantil no caso, mostram-se fragmentadas, recortadas de maneira cruel de toda

complexidade histórica. Não acontece a discussão de temas que as datas comemorativas carregam - mesmo no trabalho com crianças pequenas (Educação Infantil) - de temas complexos e cheio de contradições e lutas. Temas que também estão muitas vezes distantes do currículo, e do planejamento da realidade local, e da escola, que muitas vezes não se apropria dos temas possíveis de serem discutidos, como parte do contexto histórico da realidade da comunidade próxima da escola.

Enfim, toda essa ideologia impregnada na sociedade, e assim no contexto da escola, contribui, mesmo que minimamente nessas pequenas práticas com datas comemorativas, com a perpetuação de uma consciência muito maior, de cunho fortemente capitalista, que se emaranha/entrelaça nessas breves práticas, na sutileza, e que carregam grandes propósitos que conservam os ideais capitalistas.

Chauí em seu texto sobre o mito fundador, mais uma vez explicita melhor e de maneira pertinente toda a complexidade que a representação ideológica criada sobre o índio, sobre a mulher, enfim, sobre o Brasil, pode esconder:

A força persuasiva dessa representação transparece quando a vemos em ação, isto é, quando resolve imaginariamente uma tensão real e produz uma contradição que passa despercebida. É assim, por exemplo, que alguém pode afirmar que os índios são ignorantes, os negros são indolentes, os nordestinos são atrasados, os portugueses são burros, as mulheres são naturalmente inferiores, mas, simultaneamente, declarar que se orgulha de ser brasileiro porque somos um povo sem preconceitos e uma nação nascida da mistura de raças. Alguém pode dizer-se indignado com a existência de criança de rua, com as chacinas dessas crianças ou com o desperdício de terras não cultivadas e os massacres dos sem-terras, mas, ao mesmo tempo, afirmar que se orgulha de ser brasileiro porque somos um povo pacífico, ordeiro e inimigo da violência. Em suma, essa representação permite que uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde seu surgimento, pratica o apartheid social possa ter de si mesmo a imagem positiva de sua unidade fraterna. (CHAUÍ, M, 2006, p. 08)

## CAPÍTULO V

### **... Pela história das lutas e resistências: outras experiências para além da reprodução ideológica capitalista**

A sociedade auto-organizada, que expõe conflitos e contradições, é claramente percebida como perigosa para o Estado (pois este é oligárquico) e para o funcionamento 'racional' do mercado (pois este só pode operar graças ao ocultamento d divisão social) (CHAUÍ, M.2006, p. 92).

Longe de entender a educação como determinante principal das transformações sociais, reconhece ser ela elemento secundário e determinado. Entretanto, longe de pensar, como o faz a concepção crítico-reprodutivista, que a educação é determinada unidirecionalmente pela estrutura social dissolvendo-se a sua especificidade, entende que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade. Nesse sentido, ainda que elemento determinado, não deixa de influenciar o elemento determinante. Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade. (SAVIANI, 2005, P. 66)

Foi possível perceber ao longo do trabalho que muitas são as armadilhas ideológicas presentes nos diversos contextos da sociedade, desde a formação social do Brasil, ou na presença das leis/ decretos que carregam muitas vezes uma visão elitista, ideológica subjacentes. E nesse processo, encontra-se, inclusive, a escola, que tem "*a função na sociedade capitalista de conservar e justificar o sistema econômico*" (FARIA, 2002, P. 85) atuando na reprodução das relações de produção dessa sociedade.

No entanto, a sociedade não se movimenta de maneira determinista, apenas em favor dos interesses da burguesia e do capital. A contradição, "*que envolve os fenômenos que possibilita a transformação, dado que nada existe em permanência*" (DALAROSA, A In, LOMBARDI, J., 1999, p. 51), assim como as lutas, as resistências, são elementos fortemente presentes na realidade do processo histórico.

É possível também perceber que muitas são as práticas no âmbito da sociedade que se desgarram das práticas negativas enraizadas, ligadas as práticas de reprodução social.

Inquietações, discussões e o próprio movimento histórico são movimentos que insurgem a todo instante, como resistências a essas práticas negativas de reprodução social, presente nos diversos contextos sociais.

E a escola para além de reprodutora social, é também palco das contradições, da complexidade, e para tanto, espaço de resistências, de negação da prática de reprodução.

Trazer para a luz teórica as discussões das práticas do cotidiano escolar, e questionar sobre o que está subjacente, nos trabalhos com as Datas Comemorativas e negar tais práticas que fragmentam a complexidade das relações sociais, é uma proposta pequena, porém, pertinente, que vem junto com a superação, e a criação de outras práticas que favoreçam a totalidade, a complexidade, a diversidade, a coletividade da sociedade.

Os personagens históricos fundamentais dentro desse processo de resistência, de superação e de *re-significação* das Datas Comemorativas dentro do contexto escolar, são as professoras, coordenadoras, e demais profissionais da educação que enquanto sujeitos ativos das práticas escolares, junto com os alunos/crianças/comunidade, têm o compromisso político de atuarem pedagogicamente e cientificamente – fazendo uso das palavras de Lombardi (1999) que se encaixam aqui - de maneira a contribuir (...) *“para transformar o mundo existente e para manter aceso o sonho de que um dia iremos construir uma sociedade mais justa, igualitária e humana”*.(Lombardi, J. In Lombardi, J. 1999, p.29)

Profissionais da educação que podem proporcionar, pela transmissão direta ou indireta, aos alunos/crianças a apropriação dos instrumentos teóricos e práticos para superação e criação de outras práticas sociais de libertação. São sujeitos que Gramsci (1968) denomina de intelectuais que considera de extrema importância para nova constituição de outras práticas escolares, que não sejam excludentes e reprodutoras da ideologia dominante.

Daí porque é possível dizer que, na escola, o nexo instrução-  
educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida que o mestre é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o

tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos, sendo também consciente de sua tarefa (...) (GRAMSCI, 1968 p. 131)

A formação docente também entra em questão dentro do propósito de se desestruturar a maneira ideológica de ver e construir o trabalho pedagógico, tendo em vista a tamanha importância da existência desses intelectuais no contexto de catarse (Saviani) entendida por Gramsci como *"elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens"* (GRAMSCI, 1968 *Apud* SAVIANI, 2005, p. 72)

Daí por que o momento catártico pode ser considerado o ponto culminante do processo educativo, já que é aí que se realiza pela mediação da análise levada a cabo no processo de ensino, a passagem da síntese a síntese; em consequência, manifesta-se nos alunos a capacidade de expressarem uma compreensão da prática em termos tão elaborados quanto era possível ao professor. (SAVIANI, D. 2005, p. 72)

Pois é dentro dessa complexidade que a educação deve estar pautada e estruturada. E nesse contexto pensar outras possibilidades de práticas pedagógicas, no que tange as práticas com as Datas Comemorativas. Levantar questionamentos acerca dessas datas tendo em vista o planejamento curricular da escola dentro do contexto da sociedade capitalista: Qual a importância dessas Datas no contexto da realidade das crianças em sua localidade? É de fato importante e pertinente a presença dessas datas no planejamento da escola? O que está subjacente nessas datas? E a ideologia? Qual o papel da escola na sociedade capitalista?

Tais questões precisam estar sempre presentes nas discussões dentro da escola tendo em vista a complexidade do tema ideologia no contexto da sociedade capitalista.

Muitas outras atitudes de questionamentos, de discussões já fazem parte do contexto das escolas e de outros âmbitos de relações sociais no combate ao projeto ideológico da sociedade capitalista, que na sutileza adentram os diversos contextos sociais.

Com isso, a epígrafe que inicia esse trabalho: "neste mundo há armadilhas e é preciso quebrá-las", nos propõe o que Saviani (2005) também discute sobre o papel da escola:

(...) Mas nós sabemos também que, numa sociedade dividida em classes, a classe dominante não tem interesse na

manifestação da verdade já que isto colocaria em evidência a dominação que exerce sobre as outras classes. Já que a classe dominante tem todo interesse em que a verdade se manifeste porque isso só viria a patentear a exploração a que é submetida, instando-a a se engajar na luta de libertação. (SAVIANI, 2005, P. 87-88)

Neste contexto, a escola tem sua importância política de socialização da verdade, do conhecimento, e para tanto a função educativa nesta etapa histórica, que Saviani chama de caráter progressista da educação:

(...) conclui-se que a importância política da educação reside na sua função de socialização do conhecimento. É realizando-se na especificidade que lhe é própria que a educação cumpre sua função política. (Idem, p.88)

Cabe aqui não apenas o vislumbre desse caráter político da educação, como afirma Saviani, mas compreender de maneira pertinente e fazer existir nas pequenas práticas cotidianas, a superação do caráter reprodutor da sociedade excludente e criação de possibilidades inteligentes de combate às armadilhas de um sistema capitalista que se manifestam ideologicamente nas singelas datas comemorativas.

É preciso compreender também que a fixação de Datas como uma forma de lembrar, de mitificar, de representar ideologicamente determinado acontecimento histórico ou sujeitos, não podem determinar minimamente de maneira simplificada um momento ou sujeitos (mitos), justamente porque a história da sociedade, ou dos sujeitos ativos e históricos são muito mais complexos e contraditórios do que a sociedade capitalista ideologicamente mostra. E os sujeitos excluídos pelo sistema capitalista continuam produzindo história como sempre a fizeram.

Muito além de continuar reproduzindo as práticas ideológicas, é necessário, no coletivo, construir historicamente, pela resistência, na luta com os excluídos deste mundo, contra a exploração e contra o ideal capitalista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber nesse trabalho, que por mais que esse tema sobre Datas Comemorativas no contexto da sociedade e no contexto da escola seja um recorte de algumas das muitas práticas de reprodução social realizado, mostra também que é apenas a ponta de um iceberg de práticas reprodutoras e ideológicas, que infelizmente estão fortemente presente nos diversos âmbitos sociais.

Ao mesmo tempo, a escola, assim como outras instituições e contextos sociais, são marcados pelo processo histórico, cheios de contradições, de conflitos. E que, por conta disso, é um espaço de criações e recriações, re-significações, espaços de resistências, ou seja, campos de outras possibilidades, onde se encontram sujeitos capazes de construir saberes coletivamente, visando uma outra sociedade.

Uma sociedade e uma escola numa perspectiva de um processo transformador muito mais amplo. A escola/educação não tem esse tamanho poder, mas tem um papel importante no contexto social, por ser esse espaço de conflitos, de construções históricas, em que os sujeitos ativos se relacionam, e são capazes de se apropriarem de saberes (não forjados/ideológicos), importantes para ação coletiva de todos os sujeitos.

Como foi possível discutir neste trabalho, as práticas com as Datas Comemorativas estão fortemente presentes em outros âmbitos sociais, e acabam por reforçar conceitos ideológicos, e que passam muitas vezes despercebidos, sem grandes questionamentos nas relações sociais, o que significa o poder sutil da ideologia dominante na sociedade brasileira, que por sua vez, se perpetua enquanto uma sociedade capitalista neoliberal, com marcas autoritárias, hierarquizada, preconceituosa e machista.

Simultaneamente a isso, não se pode negar, em absoluto, que muitas são as lutas contrárias a esse movimento com relação a essas datas e o sentido ideológico que carregam.

Sejam movimentos que resistem pelo silêncio da não comemoração ou pela luta transparente contra uma visão fragmentada da história, visíveis no próprio processo histórico, como Dia do Índio que trás consigo muito mais que a comemoração de um dia, mas a trajetória histórica de lutas desde sua existência, assim como o massacre desde o processo de colonização até os dias de hoje.

E da mesma forma o dia 20 de novembro que “comemora” a morte do líder Zumbi, e que ficou como o “Dia da Consciência negra”, data essa que carrega toda uma história de lutas, de conflitos, de massacre, fatos esses que não podem ser esquecidos ou simplesmente transformados ideologicamente, em breves e fragmentadas representações.

Da mesma forma outros movimentos populares e sociais de luta contra a exploração devem sim ser sempre lembrados e sempre presentes nos debates e nas construções de outras possibilidades para a transformação da sociedade, sem que sejam fragmentadas e lembradas apenas como data cívica ou festiva.

Resistências que significam reflexão da prática, visão crítica da história e construir condições favoráveis a classe dominada. Elementos e práticas essas que devem existir enquanto movimentos de negação de uma estrutura social montada pelo sistema capitalista, que engendrou e engendra uma história que nega as lutas sociais, e a complexidade histórica das relações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L, 1918 - *Aparelhos Ideológico de Estado: Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2<sup>a</sup> edição
- BAUMAN, Zygmunt. 1925- *Modernidade Líquida* tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, J-C. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora. 1975
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*, vol. 5/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo/SP, Editora Fundação Perseu Abramo, 6<sup>a</sup> reimpressão. 2006.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Ideologia*. Educação & Sociedade. Campinas, ano 02, n 5, p. 24-40, 1990.
- ECO, Umberto e BONAZZI, Marisa; *Mentiras que Parecem Verdades*. (tradução de Giacomina Faldini; direção de Fanny Abramovich) – São Paulo: Summus, 1980
- FARIA, Ana L. G. *Ideologia no Livro Didático*, 14<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Cortez, 2002. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 37)
- GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1968.
- LOMBARDI, J. C. & SANFELICE, J. L (orgs.). *Liberalismo e Educação em debate*. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR,2007.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Pesquisa em Educação: História, Filosofia e Temas Transversais*. Campinas, Autores Associados UNICAMP – FE - HISTEDBR, 1999.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista* ; Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1998. – (Coleção Leitura)

\_\_\_\_\_. *Contribuição a Crítica da Economia Política*. São Paulo- SP, Martins Fontes, 1977.

NOSELLA, Maria de L. C. D. *As Belas Mentiras: A Ideologia Subjacente aos Textos Didáticos*/ 5ª ed. São Paulo: Editora Moraes, 1981 (Coleção Educação Universitária)

NOGUEIRA, Maria A. e NOGUEIRA, Cláudio M. *A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições*. Revista Educação & Sociedade, n 78. 2002

TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SAVIANI, Dermeval, *Escola e Democracia: Teorias da Educação, Curvatura da Vara, Onze Teses Sobre a Educação Política* – 37ª . ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; vol 5)

**Sites consultados para ver legislação brasileira:**

[www.camara.gov.br](http://www.camara.gov.br)

[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)

[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

[www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br)

## **ANEXOS**

## ANEXO I

### CONSTITUIÇÃO FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988

#### CAPÍTULO III

#### Da Educação e da Cultura e do Desporto

#### Seção II

#### Da Cultura

#### Art. 215 (...)

§ 2 A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais

---

#### DECRETO-LEI Nº 5.540 - DE 2 DE JUNHO DE 1943

*Considera " Dia do Índio" a data de 19 de abril*

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, e tendo em vista que o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, reunido no México, em 1940, propôs aos países da América a adoção da data de 19 de abril para o " Dia do Índio" ,

**decreta:**

**Art. 1º** É considerada - " Dia do Índio" - a data de 19 de abril.

**Art. 2º** Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 2 de junho de 1943, 122º da Independência e 55º da República.

**GETÚLIO VARGAS.**

Apolônio Sales.

Oswaldo Aranha.

*OBS:O "Dia do Índio", foi instituído após o I Congresso Indigenista Interamericano, no México em 1940.*

## ANEXO II

### DECRETO N. 21.366 - DE 5 DE MAIO DE 1932

*Declarando que o segundo domingo de maio é consagrado às mães*

O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil:

Considerando que varios dias do ano já foram oficialmente consagrados à lembrança e à comemoração de fatos e sentimentos profundamente gravados no coração humano;

Considerando que um dos sentimentos que mais distinguem e dignificam a espécie humana é o de ternura, respeito e veneração, que evoca o amor materno;

Considerando que o Estado não pode ignorar as legítimas imposições da consciência coletiva, e, embora não intervindo na sua expressão, e do seu dever reconhecê-las e prestar o seu apoio moral a toda obra que tenha por fim cultivar e cultivar os sentimentos que lhes imprimem, força afetiva de cultura e de aperfeiçoamento humano,

**decreta:**

**Art. 1º** O segundo domingo de maio é consagrado às mães, em comemoração aos sentimentos e virtudes que o amor materno concorre para despertar e desenvolver no coração humano, contribuindo para seu aperfeiçoamento no sentido da bondade e da solidariedade humana.

**Art. 2º** Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 5 de maio de 1932, 111º da Independência e 44º da República.

**Getulio Vargas.**

Francisco Campos

## **ANEXO III**

### **LEI Nº 1.266, DE 8 DE DEZEMBRO DE 1950**

**Declara feriados nacionais os dias que menciona.**

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Será feriado nacional o dia em que se realizarem eleições gerais em todo o país.

Parágrafo único. Quando as eleições se estenderem a uma ou mais de uma circunscrição eleitoral, ou somente a um ou mais de um município ou distrito, o dia para elas fixado será feriado apenas nos círculos eleitorais onde se realizem.

Art. 2º Quando não se tratar de data fixada pela Constituição ou por lei ordinária, serão as eleições marcadas para um domingo ou dia já considerado feriado por lei anterior.

Art. 3º É feriado nacional o dia 21 de abril, consagrado à glorificação de Tiradentes e anseios de independência do país e liberdade individual.

Art. 4º Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1950; 129º da Independência e 62º da República.

EURICO GASPAR DUTRA

José Francisco Bias Fortes

## ANEXO IV

**DECRETO nº 52.682, de 14 de outubro de 1963.**

**Declara feriado escolar o dia do professor.**

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, usando das atribuições que lhe confere o item I do artigo 87 da Constituição Federal,

Decreta:

Art. 1º O dia 15 de outubro, dedicado ao Professor fica declarado feriado escolar.

Art. 2º O Ministro da Educação e Cultura, através de seus órgãos competentes, promoverá anualmente concursos alusivos à data e à pessoa do professor.

Art. 3º Para comemorar condignamente o dia do professor, aos estabelecimentos de ensino farão promover solenidades, em que se enalteça a função do mestre na sociedade moderna, fazendo participar os alunos e as famílias.

Art. 4º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 14 de outubro de 1963; 142º da Independência do Brasil; 75º da República.

João Goulart  
Paulo de Tarso

---

## LEI Nº 6.802, DE 30 DE JUNHO DE 1980

**Declara feriado nacional o dia 12 de outubro consagrado à Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil**

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É declarado feriado nacional o dia 12 de outubro, para culto público e oficial a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.

Art. 2º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Brasília, em 30 de junho de 1980; 159º da Independência e 92º da República.

JOÃO FIGUEIREDO  
Ibrahim Abi-Ackel

## ANEXO V

### LEI Nº 7.466, DE 23 DE ABRIL DE 1986

**Dispõe sobre a comemoração do feriado de 1º de Maio - Dia do Trabalho**

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art 1º O feriado de 1º de Maio, consagrado como "Dia do Trabalho", será comemorado na própria data, não se lhe aplicando a antecipação prevista na Lei nº 7.320, de 11 de junho de 1985.

Art 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 23 de abril de 1986; 165º da Independência e 98º da República.

JOSÉ SARNEY

Paulo Brossard

---

### LEI N. 10.607 - DE 19 DE DEZEMBRO DE 2002

*Dá nova redação ao art. 1º da Lei nº 662, de 6 de abril de 1949, que "declara feriados nacionais os dias 1º de janeiro, 1º de maio, 7 de setembro, 15 de novembro e 25 de dezembro", e dá outras providências.*

#### O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 1º da Lei nº 662, de 6 de abril de 1949, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1º São feriados nacionais os dias 1º de janeiro, 21 de abril, 1º de maio, 7 de setembro, 2 de novembro, 15 de novembro e 25 de dezembro." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revoga-se a Lei nº 1.266, de 8 de dezembro de 1950, que declara feriados nacionais os dias que menciona.

Brasília, 19 de dezembro de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Francisco Weffort

## ANEXO VI

### PROJETO DE LEI 6369/2005

Dispõe sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos que compõem a sociedade brasileira, em atendimento ao disposto no § 2 do artigo 215 da Constituição Federal.

O congresso Nacional decreta:

Art. 1 São datas de alta significação para os segmentos étnicos nacionais, a serem comemorados em todo o território brasileiro:

- I- 19 de abril, Dia do Índio, para celebrar os povos autóctones;
- II- 22 de abril, Dia do Descobrimento do Brasil, para celebrar a chegada oficial do branco europeu em território brasileiro;
- III- 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, para celebrar o negro, por intermédio da data alusiva a morte de Zumbi dos Palmares.

Art. 2 Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão, por meio de legislação específica, nas respectivas esferas, outras datas significativas para os diferentes grupos étnicos que habitam seus territórios.

Parágrafo único. A definição referida no caput deste artigo contará com a participação da sociedade e das comunidades dos territórios respectivos, considerados seus valores, sua trajetória e seu contexto sócio-cultural.

Art. 3 Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, dezembro de 2005.

Senador Renan Calheiros

Presidente do Senado Federal

**ANEXO VII**  
(exemplos de pauta HTPC, retiradas das ATAS de reunião professoras)

**PAUTA DE HTPC ( 15/02/06.)**

- BRINQUEDOS DO PARQUE (baldinhos, pazinhas)
  - SONDAÇÃO DE DESENHO (JD I; JD II; PRÉ) – SONDAÇÃO DE ESCRITA (PRÉ): 1 no primeiro semestre; 1 no segundo semestre.
  - PLANEJAMENTO ANUAL: até 30 de março
  - PÁSCOA: 17/04 – proposta de rifa para correr dia 13/04. Valor R\$ 2,00.  
Concorrer a 1 ovo de 500g no período da manhã e 1 de 500g no período da tarde.
  - FESTA JUNINA : 23/06 ou  
24/06
  - ÉTICA PROFISSIONAL: entre pais e professores; entre funcionários
  - FORMATURA: 07/12 ou  
15/12
- Tema até junho ( Proposta: como foi em 2005.)
- PASSEIOS: Chácara da Alice; Aline's Buffet

***PAUTA DE HTPC – 12/04/06***

***Desconto de horas do curso “Atendimento ao público”***

**PAUTA DE HTPC – 19/04/06**

- Atividades: Dia das mães
- Lembrancinhas: Dia das mães
- Apresentação: Dia das mães.
- 19 de Maio: Comemoração na Praça “A Poderosa” – Levar 30 crianças de Pré (sala da Elizângela) – início do evento: 9:00; as crianças deverão chegar às 8:30 em frente à guarita da Polícia Militar.
- Entrega de uniformes: não será mais dia 25/04; será dia 03/05 se não mudar a data de novo.
- Uso da televisão e DVD: fitas de vídeo.
- Valor da Festa do Sorvete: R\$ 758,32 (LÍQUIDO). parte deste \$ pagou-se os ovos.

## ANEXO VIII

No 2º dia do mês de agosto do ano de 2006 realizou-se reunião de HTPC. Esta teve como pauta:

- discussão sobre o processo ensino-aprendizagem

- organização das lembranças e comemoração de Dia dos Pais

- Passeio ao Parque Ecológico

- Entrega de cronograma de museus

- Sema do mês: FOLCLORE

Exercício vola: 28 de agosto até 1 de setembro.

- Discussão da primeira pergunta do Projeto Político Pedagógico: por que fazê-lo?